



UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE

Faculdade de Letras e Ciências Sociais

Departamento de Sociologia

Curso Licenciatura em Sociologia



Trabalho de Fim de Curso

**Representações Simbólicas da Alimentação: Um Estudo
Qualitativo na “Bósnia do Tangará” no Campus Universitário da
UEM em Maputo- 2010**

Monografia apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção
do grau de licenciatura em Sociologia na Universidade Eduardo Mondlane

Autor: Carlos Elídio Froy

Supervisor: Dr. Baltazar Muianga

Maputo, Outubro de 2011

ÍNDICE

Declaração.....	I
Dedicatória	II
Agradecimentos.....	III
Resumo.....	IV
Abstract	V
Abreviaturas	VI
CAPÍTULO I.....	1
Introdução	1
CAPÍTULO II	5
Da revisão da literatura à formulação do problema	5
2.1. Abordagens em torno da alimentação.....	5
2.1.1. As Representações Sociais, Classificações e as Regras Alimentares.....	5
2.1.2. Abordagem Sociológica da Refeição, os hábitos à Mesa	8
2.2. O respeito pelos hábitos alimentares locais	11
2.3. A dimensão simbólica da alimentação estudantil.....	13
2.4. Hipóteses:	14
2.5. Justificativa	16
CAPÍTULO III.....	18
ENQUADRAMENTO TEÓRICO E CONCEPTUAL.....	18
3.1. Quadro teórico	18
3.2. Quadro conceptual	23
3.2.1. Representação Social	23
3.2.2. Alimentação	25
3.2.3. Serviço Social	26
3.2.4. Comportamento	29
3.2.5. Estudante Bolseiro	31

CAPÍTULO IV	33
METODOLOGIA	33
4.1. Contextualização.....	33
4.2. Método.....	35
CAPÍTULO V	37
5.1. Apresentação dos resultados da pesquisa	37
5.2. Situação geo-espacial do refeitório do Campus.....	37
5.3. Perfil sócio-demográfico dos estudantes	38
5.4. O processo alimentar no refeitório do Campus da UEM.....	39
CAPÍTULO VI.....	42
6.1. Percepções e representações sociais dos estudantes sobre alimentação	42
6.1.1. Alimentação como elemento cultural e da identidade dos estudantes.....	44
6.1.2. Alimentação como meio de comunicação no seio da comunidade estudantil...48	
6.1.3. A Alimentação como um perigo á saúde dos estudantes.....	52
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	56
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	59
Anexo I— Guião de Entrevistas	64
Anexo II— Menú semanal, a vigorar durante o ano 2010.....	66

Declaração

Declaro por minha honra que este trabalho nunca foi apresentado na sua essência para obtenção de qualquer grau académico e ele constitui resultado da minha pesquisa, estando indicadas no texto e nas referências bibliográficas, as fontes que para o efeito utilizei.

(Carlos E. Froy)

Maputo, Outubro de 2011

Dedicatória

Dedico à família Froy, à minha esposa Luísa, pela paciência, coragem e apoio moral, meu pai Elídio, minha mãe Nolita, meus filhos Vânia, Anuário, meus irmãos Florêncio, Estefânia, Paula, Lizete, Felícia, Froy Júnior, Marcelina que Deus a tenha na glória, Francisco, e todos que me apoiaram directa e indirectamente para que esse momento chegasse.

Agradecimentos

Quero agradecer de forma geral a todos Docentes da UEM e do curso de Sociologia que contribuíram de forma directa e indirecta para a minha formação, e de forma particular ao Dr. Baltazar Muianga, que de forma muito paciente e incansável, orientou e apoiou-me a escrever a minha tese de licenciatura, obrigado pela chicotada.

Um agradecimento aos colegas da turma de Sociologia, Geração 2006, particularmente ao 4º grupo nomeadamente Elisângela, Braga, Denise, Inocência, Bié, outros que juntos compartilhamos momentos de realce: Cláudio, Banda, Saraiva, Magaço, Silva, (Matsinhe eterna saudade), e todos aqueles que deram o seu apoio nos momentos de necessidades e Stress.

Agradecer aos meus pais que me deram a educação primária e merecida e que serviu de alicerce para a vida académica e profissional. A minha companheira Luísa que durante esse tempo escolar soube encorajar-me e compreender os momentos bons e maus com esperança e perseverança.

Aos meus irmãos Estefânia e Florêncio pelo apoio material e moral, ao dr. Ilídio Maniate, Sra. Hirondina pelos diferentes apoios prestados ao longo da formação, ao dr. Nicols e dona Ricardina pelo espírito de ensinamento que me prestaram, aos colegas da Direcção dos Serviços Sociais, em particular a Geração de 1993, que lado a lado cultivamos o espaço social a procura das melhores condições de vida, aos meus tios Teófilo pelo apoio nos meus estudos secundários, tio Lemos (eterna saudade) que soube me acolher nas horas de aflicção.

A todos aqueles que não vêm aqui mencionados e que deram o seu apoio para o sucesso deste trabalho e que apoiaram em todos momentos. *Mulugo Akale Na Nyuwo*, Deus Esteja Convosco, Obrigado, *Ddinoutamalelani, Kanimanbo*.

Resumo

O presente trabalho é do âmbito da Sociologia da Alimentação onde procuramos analisar os aspectos inerentes aos hábitos alimentares que caracterizam os serviços de alimentação, na perspectiva de que são influenciados pelo conjunto de regras alimentares definidas cultural, social e economicamente.

O nosso trabalho teve como objectivo analisar a influência das representações sociais da alimentação no comportamento dos estudantes e foram usados como conceitos principais de representação social, alimentação, Serviço Social, comportamento e o conceito de estudante bolseiro.

Em termos de teoria, usamos a teoria das representações sociais de Moscovici (1969), e apoiamo-nos metodologicamente na pesquisa de campo e análise de conteúdo.

Em termos metodológicos para a realização do estudo seguimos uma abordagem qualitativa apoiada num guião de entrevista semi-estruturadas aplicadas a uma amostra de estudantes das residências universitárias 6, 7 e 9. Nas entrevistas dirigidas aos estudantes identificou-se as representações sociais sobre a alimentação, suas classificações e regras presentes a partir das quais foi possível descortinar seus significados.

Os elementos representacionais identificados foram: os aspectos simbólicos do alimento, que tem a função de contribuir para a coesão dos estudantes, as necessidades dos estudantes reforçadas pela sua situação de carência, a qualidade da alimentação, os hábitos alimentares que não são reflectidos na elaboração do menu, e a preocupação com a saúde, no que se refere aos aspectos nutricionais.

O estudo concluiu que os estudantes não frequentam o refeitório devido aos factores sociais, culturais e higiénicos. Assim, procuram alternativa mesmo sabendo que o acto alimentar serve para trocar experiência dos hábitos de cada região do nosso País, garante a coesão dos estudantes, a identidade e serve de meio de comunicação no seio dos estudantes.

Palavras-chave: Serviços de Alimentação Estudantil, Representações Sociais, Hábitos Alimentares.

Abstract

This work is part of the Sociology of Power where we seek to analyze the aspects related to eating habits that characterize food services in anticipation of which are influenced by dietary rules defined set of cultural, social and economically.

Our work aimed to analyze the influence of social representations of power in students' behavior and was used as key concepts of social representation, nutrition, social work, behavior and the concept of scholarship student.

In terms of theory, we use the theory of social representations Moscovici (1969), and we rely methodologically on field research and content analysis.

In terms of methodology for the study followed a qualitative approach supported by a plot of semi-structured interview applied to a sample of students in residence halls 6, 7 and 9. In interviews among students identified that the social representations of power, ratings, and these rules from which it was possible to uncover their meaning.

Representational elements identified were: the symbolic aspects of food, which has the function to contribute to the cohesion of the students, the needs of students reinforced by their situation of need, the quality of food, eating habits that are not reflected in preparing the menu, and health concern, with regard to nutritional aspects.

The study concluded that students do not attend the cafeteria due to social, cultural and hygienic. Thus, seeking an alternative even though the act serves to exchange experience food habits of each region of our country, ensures the cohesion of students, identity and serves as a means of communication within the students.

Keywords: Food Services Student, Social Representations, Food Habits.

Abreviaturas

BIT — Bureau Internacional de Trabalho

DSS — Direcção dos Serviços Sociais

CU- Conselho Universitário

FIAS — Federação Internacional dos Assistentes Sociais

FONAPRACE — Fórum Nacional dos Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis

MMAS — Ministério da Mulher e Acção Social

ONG`s — Organizações Não Governamentais

PARPA — Programa de Apoio para Redução da Pobreza Absoluta

PNAE— Programa Nacional de Alimentação Escolar

SAN — Segurança Alimentar e Nutricional

SETESAN — Secretariado Técnico da Segurança Alimentar e Nutricional

UEM — Universidade Eduardo Mondlane

CAPÍTULO I

Introdução

De entre as diversas mudanças que estão ocorrendo na sociedade, em sua maioria, pelo fenómeno da globalização, muitas já estão modificando os hábitos do consumidor actual nas diversas sociedades incluindo a moçambicana. Para o caso dos estudantes universitários, ao ingressar à Universidade e de forma particular nos refeitórios estudantis deparam-se com novos hábitos alimentares devido ao próprio ambiente em que estão inseridos. Contudo essas mudanças se reflectem e se verificam nos vários segmentos sociais e dos estudantes devido a questão da urbanização, forma de socialização e o nível sócio e cultural de cada um.

Por mais que o processo de alimentação se mostre um acontecimento simples e quotidiano, seu estudo pode revelar mais do que simplesmente o que se come, como se come, porquê e com quem se come. “ O acto de se alimentar representa funções importantes simbólicas e sociais, já que a convivência à mesa mistura todas relações sociais e também possui dimensões culturais” (Daniel e Cravo, 1989).

O presente trabalho, com o título “Representações simbólicas da alimentação: Um estudo qualitativo na “Bósnia¹ do Tangará”² no Campus da UEM, inserido na Sociologia da Alimentação visa analisar a influência das representações simbólicas sobre alimentação no comportamento dos estudantes.

O acto de alimentação “é considerado um fenómeno de grande complexidade e, assim sendo, o estudo das práticas alimentares tem suscitado o desenvolvimento de instrumentos e métodos no interior de várias disciplinas como: Epidemiologia, a Economia, a Sociologia, a Antropologia, a Nutrição, a História, a Psicologia”. (Poulain, 2003)

¹ Nome que os estudantes atribuíram ao refeitório do Campus, por considerar um local de conflito devido as várias reclamações sobre a qualidade de alimentação.

² Nome atribuído pelos estudantes ao espaço onde se localizam as residências 6, 7 e 9 da UEM.

Neste trabalho onde apresentamos a alimentação sob abordagem da Sociologia procuramos definir as representações sociais da alimentação, as diferentes dimensões do espaço social alimentar, desde o registo do consumo alimentar até os processos de diferenciação social.

Para tal, além da análise da relação entre as representações sociais em torno da alimentação e o nível de aderência e aceitação dos estudantes bolsheiros aos serviços de alimentação, procuramos identificar os factores que influenciam o comportamento dos estudantes em relação à alimentação e identificar os seus comportamentos nos círculos de amizade.

Com este trabalho pretendemos também analisar as diversas representações que levam os estudantes a se comportarem de formas diferentes, ou seja, porque é que uns vão ao refeitório e outros não, partindo do princípio de que eles se encontram no mesmo espaço social residencial embora representando diversas culturas. Assim julgamos que deveriam partilhar o mesmo espaço social alimentar., pois vivem a mesma realidade social.

Pretendemos também, examinar a contribuição da sociologia como ciência que procura saber como os membros de uma sociedade produzem e interpretam factos sociais no seu dia-a-dia por um lado, assim como as causas das divergências no seio dos estudantes por outro lado, como se referiu Durkheim (1978) "o homem é um ser social e, a volta dele existem coisas. Ele, não pode viver entre as coisas e delas não formar ideias sobre elas, ideias que regulam o seu comportamento no seio da sociedade em que está inserido".

Para melhor interpretar o nosso trabalho, buscamos como referência teórica para análise, o conceito de representação social de Moscovici (1969), pois é ele que resgata o conceito de representação colectiva de Durkheim (1970) e constrói a teoria das representações sociais.

Aprendemos o nosso objecto com base na pesquisa qualitativa pois, esta abordagem metodológica nos possibilitou a captação dos aspectos qualitativos da vida social, como representações sociais, significados que os actores dão aos factos sociais. Pois, a perspectiva sociológica construtivista, princípio epistemológico da Teoria das Representações Sociais, nos ensina que a realidade é construída pelo conhecimento institucionalizado, usado no dia-dia, de acordo com diferentes contextos (Berger & Luckmann 1966/1997).

Esse conhecimento não é estático, mas tem uma dimensão prática que o perpetua ou modifica. Assim, o nosso trabalho obedeceu as fases seguintes: A Revisão Bibliográfica e Documental, Trabalho de Campo (onde inclui-se o Desenho dos instrumentos, realização das Entrevistas e Observação dos Estudantes na Hora das Refeições), Sistematização e Análise de Dados e Elaboração do Relatório Final. Usamos uma amostra de 50 estudantes de cursos, níveis e sexos diferentes. Foram critérios identificação da amostra: Ser estudante universitário com Bolsa Completa³, residente no Campus. Com as entrevistas e observação, constatamos diferenças de percepções a partir dos quais os estudantes, constroem representações em volta da alimentação servida no refeitório.

Os estudantes referiram-se nos factores como a qualidade da alimentação associada a higiene e saúde, o horário das refeições que obriga o estudante a permanecer muito tempo a espera da refeição e os hábitos alimentares associados à cultura de cada estudante, como sendo influenciadores do comportamento destes, na medida em que estes variam de cada grupo social.

Com base nos factores acima descritos, os estudantes representam a alimentação de forma diferenciada procurando cada um ter uma opinião que lhe permite justificar o seu comportamento., contudo, partilham a noção de que a alimentação é tudo que se come para dar força, saúde e que deve ser bem preparada de modo a garantir a saúde e o bem estar dos indivíduos, respeitando as regras de higiene.

Assim, de acordo com a estrutura da elaboração de monografias, o nosso trabalho está dividido em seis capítulos, a saber: Introdução, Enquadramento Teórico e Conceptual, Metodologia, Análise dos Resultados e Considerações Finais

No capítulo I, da introdução apresentamos os propósitos do estudo, seguindo uma sequência onde começamos com uma breve apresentação do tema em estudo. No capítulo II apresentamos o problema que nos levou a uma questão de partida, os objectivos geral e específicos, as hipóteses, a justificação e relevância do tema em análise.

³ Ver o Capítulo III mais a diante relativo ao Enquadramento Teórico e Conceptual onde discutimos o conceito de Estudante Bolseiro.

No terceiro capítulo, encontra-se o enquadramento teórico e conceptual, apresentamos a abordagem teórica que serviu de base para o trabalho, assim como a operacionalização dos conceitos. No quarto capítulo, apresentamos a metodologia e as técnicas que usamos para a realização do trabalho.

No quinto e no sexto capítulos, apresentamos os resultados da pesquisa onde constam as Percepções e as representações que os estudantes têm sobre alimentação. Para melhor alcance dos objectivos e testagem da hipótese, a análise dos resultados foi feita com base nas entrevistas, e no sexto capítulo falamos das percepções e bem como das representações sociais que os estudantes fazem em torno da alimentação no refeitório. Neste ponto pretendíamos apurar a percepção que os estudantes têm sobre a alimentação, e constatamos que a sua representação é construída na base das suas origens sociais, culturais e nos seus hábitos alimentares.

Finalmete as considerações finais e as referências que nos ajudaram para a elaboração do nosso trabalho. Para sustentar o nosso trabalho, consideramos aspectos como a existência de um menú adequado, ou seja o respeito pelos hábitos ás culturas alimentares de forma a incentivar o estudante a aderir à comida, classificações da alimentação com base em regras alimentares, bem como a origem social dos estudantes, com vista a aceitação dos serviços prestados na alimentação.

O homem alimenta-se de acordo com a sociedade a que pertence, justamente pelo facto dessa mesma sociedade produzir um conjunto de representações, classificações e regras alimentares que actuam sobre as práticas e escolhas alimentares dos indivíduos em um grupo social. Esse universo de valores e práticas alimentares pode ser visto como um sistema no qual há junção de elementos sociais e culturais. (Lévi-Strauss 2004)

Assim, ao estudarmos esse tema, verificamos ser necessário combinar um conjunto de outros factores como a elaboração do menu que nos levará aos nossos objectivos.

Compreendendo a existência de factores sociais e culturais que determinam o comportamento dos estudantes, o nosso trabalho nos levará a identificar, neles, os valores que perpassam as várias etapas desde a decisão sobre o que o estudante deve comer, o que gosta de comer e como deve comer.

CAPÍTULO II

Da revisão da literatura à formulação do problema

A questão da alimentação tem sido a grande preocupação para o bem-estar dos indivíduos com vista a realização das suas actividades quotidianas, contudo ela deve ser acompanhada de boas condições de higiene, para não por em risco a saúde dos consumidores.

Com efeito, a existência de critérios de escolha de alimentos, se aproximam mais das representações que as pessoas têm acerca do que devem ser esses alimentos. Isso é percebido a partir das classificações empregadas pelos indivíduos, através das quais se organizam os alimentos e se criam regras alimentares. São essas representações que, podem determinar a aderência e aceitação ou não aos serviços da alimentação.

Numa interpretação histórica e na perspectiva evolucionista, a alimentação é vista com protagonista da história social. Duarte (1986), indica a história das mentalidades para estabelecer o cruzamento entre história económica, social e dos sistemas culturais. Refere ainda que a alimentação está ligada a valores, critérios de gosto, símbolos, distinção social em volta de um sistema complexo de significação, onde os hábitos alimentares adquirem uma relativa autonomia em relação aos factores económicos e constituem traços da identidade cultural.

2.1. Abordagens em torno da alimentação

2.1.1. As Representações Sociais, Classificações e as Regras Alimentares

As representações sociais da alimentação, serão observadas a partir das classificações dadas à esse alimento, às regras e normas de comensalidade, às regras de combinação, ordem e escolha dos alimentos, que, por sua vez, estão reflectidas nos menús, nos horários, nos modos de preparo, nos hábitos à mesa e nos hábitos de higiene. Isso porque o “ (...) homem é um ser biológico ao mesmo tempo um indivíduo social” Lévi-Strauss (1981).

Sendo assim, o homem responde pela sua natureza biológica, ou pela sua condição de ser social. No entanto, a natureza e a cultura podem estar de tal forma interligada e fica difícil estabelecer os limites entre as duas.

Em relação ao que se come, Zaluar (1985), refere que a comida é o veículo principal pelo qual os pobres urbanos pensam sua condição. A primeira associação que faz ao falarem do que comem é com a pobreza. Essa afirmação serve como exemplo da relação entre o simbólico e a realidade social. O grupo pesquisado define e expõe sua condição por intermédio das categorias e representações sociais utilizadas em suas falas.

Mais especificamente, em suas falas opõem a situação por eles vivida enquanto pobres, e que se caracteriza pela comida que não varia e pela impossibilidade de comer carne por exemplo, todos os dias, comparada à situação de outras pessoas que diversificam a comida e comem carne. Quanto à simbologia da carne, segundo a autora, ela representa prestígio social e riqueza, sendo que comer carne todos os dias marca a fronteira que separa os pobres dos não pobres (idem).

Nesse sentido, afirmar que as escolhas obedecem a orientações responsáveis por fazê-los optar por alimentos mais nutritivos e mais acessíveis seria reduzir a questão alimentar, na medida em que as práticas culturais são inculcadas desde a infância. Portanto, são escolhas culturais que não se explicam pela racionalidade nutricional ou pela visão economista que as relacionam directa e exclusivamente à baixa renda (ibidem).

O trabalho de Zaluar(1985) ajuda-nos a estabelecer as conexões entre o nosso objecto de pesquisa e a pesquisa realizada pela autora acerca de pobres urbanos do Rio de Janeiro, visto que os beneficiários do PNAE⁴ são considerados, em sua grande maioria, como pertencentes às camadas baixas da população.

Brandão (1981), numa pesquisa com trabalhadores rurais do interior de Goiás (Brasil), percebeu que existem alguns alimentos que têm maior valor simbólico ligado à força, que servem para manter uma pessoa forte. Nesse sentido, o autor encontra um sistema de classificação bastante subjectivo, como forte/fraco, reimoso/não reimoso, quente/frio, gostoso/sem-gosto.

⁴ Programa Nacional de Alimentação Escolar que tem como objectivo o apoio a estudantes em situação de carência económica no Brasil, citado num artigo de Garcia (1997) publicado pela Revista. Nutricional (1999). Ver referencia completa no espaço de referência bibliográfica.

Por outro lado, Woortmann (1978) considera que as classificações alimentares presidem as prescrições, proibições e hábitos alimentares. Afirma ainda, que embora essas categorias comportem variabilidade regional e individual, elas apontam uma regularidade cognitiva. Normalmente essas categorias, na teoria popular, incorporam a relação entre o sistema alimentar e o sistema orgânico, extensivos a doenças e outras categorias cosmológicas.

As classificações e representações sociais⁵ criam as bases para que apareçam, conforme as “regras culinárias”. Elas correspondem, em grande parte, aos critérios que determinam a escolha dos alimentos. Além disso, essas regras controlam o consumo de alimentos e o comportamento de quem come. Elas são internalizadas pelos indivíduos de maneira inconsciente e são claramente percebidas quando violadas. Portanto, pode-se afirmar que as comidas, os pratos e os alimentos são preparados, eleitos, servidos e consumidos segundo uma ordem contextual complexa composta de regras. (idem)

A partir dessas considerações, podemos perceber que as regras de inclusão e exclusão são de grande importância na visão global de uma cultura sobre sua alimentação e dão-nos uma excelente orientação para investigar os serviços de alimentação dos indivíduos (estudantes).

Para Douglas (1975), essas regras constituem o sistema simbólico e são, em sua formulação arbitrária, possuindo um único objectivo que é controlar o comportamento humano e funcionam também como um sistema de comunicação que informam sobre aquela sociedade, grupo ou pessoas que se pretende analisar.

Lévi-Strauss (1964) e Douglas (1975) acreditam que em todas as sociedades existe a propensão de se construir categorias e estabelecer regras de comportamento. Essas regras, para Fischler (1995), não seriam completamente arbitrárias, elas estariam ligadas também a mecanismos afectivos e manifestações fisiológicas ocasionadas pela transgressão dessas regras culinárias.

⁵ Nos diversos textos que lidam com as representações sociais enquanto formas de conhecimento prático, são destacadas diversas funções, entre elas: orientação das condutas e das comunicações (função social); protecção e legitimação de identidades sociais (função afectiva) e familiarização com a novidade (função cognitiva). (Spink, 1993)

Para o caso da alimentação dos estudantes, é possível perceber os determinantes das regras indicadas pelos dois lados.

Por um lado, existem regras que parecem completamente arbitrárias, mas são forjadas por situações onde há algum objectivo implícito, principalmente aquelas ligadas ao comportamento em torno da alimentação ou as boas maneiras, estendendo-se à eleição de alguns alimentos que não podem faltar na cozinha e às interdições. Por outro lado, percebe-se um conjunto de regras geradas por situações menos objectivas que normalmente só são percebidas quando quebradas, pois estão naturalizadas ao ponto de se relacionar com nossa própria fisiologia. Elas podem ser igualmente percebidas pelos alimentos permitidos e proibidos, assim como pelo comportamento em torno do alimento.

2.1.2. Abordagem Sociológica da Refeição, os hábitos à Mesa

Há outro conjunto de regras e procedimentos culinários que compõem os hábitos alimentares e os hábitos comportamentais para com a alimentação. Estes dizem respeito aos hábitos à mesa, aos hábitos de higiene corporal e do preparo, na distribuição e no consumo dos alimentos antes, durante e depois das refeições.

A refeição, como destaca Simmel (2004), é fruto de uma situação muito particular relacionada ao comer. Segundo o autor, por comer ser algo universal, torna-se conteúdo de acções compartilhadas, permitindo o surgimento daquilo que chama de “ante sociológico” — a refeição. Ela é o momento onde se alia o hábito de estar em companhia e o egoísmo exclusivo ao acto de comer.

Nesse sentido, o significado sociológico da refeição está contido na possibilidade de pessoas que, a princípio, não partilham interesses específicos encontrarem-se para uma refeição. É justamente para garantir o “estar junto” nas refeições que são estabelecidas condicionantes que se sobrepõem ao indivíduo.

Elias (1990) analisa as mudanças ocorridas na conduta à mesa, da sociedade de corte europeia do século XIII até o século XIX. Seu estudo serve como ilustração de um processo de estruturação social. Os exemplos extraídos dos manuais de conduta da Idade Média até o séc. XIX mostram como as regras têm que ser obedecidas por uma questão de “boa educação.” Agir em conformidade com elas, significa agir “correctamente”. Esse número

de regras é cumulativo nas atitudes mas não nos manuais: as regras básicas, apesar de continuarem vigorando, não são mais publicadas, elas tornam-se “óbvias”.

Essas regras estão desde o recebimento, passando pelo preparo, chegando até ao consumo do alimento. No recebimento, existem orientações sanitárias de armazenagem dos produtos (código sanitário). Cada produto deve ser guardado de acordo com as indicações especificadas por órgãos de inspecção. No preparo, os (as) cozinheiros (as) devem seguir as fichas de preparo, mesmo que o modo de preparar o feijão, por exemplo, seja diferente daquele modo que sempre se preparou em sua casa.

Além do preparo, existem cuidados de higiene pessoal que preconizam o uso de uniformes, como luvas, touca para o cabelo, aventais e outros. O perigo de contaminação dos alimentos é sempre a justificativa para que se tenha determinados cuidados na preparação, e no momento em que o alimento é servido e consumido.

Um dos problemas frequentemente apontados sobre as condições de trabalho dos profissionais ou manipuladores de alimentos é o acúmulo de funções. Grande parte destes trabalhadores, além de cozinhar, executa funções de limpeza em banheiros e outros locais que normalmente são considerados perigosos no sentido da contaminação dos alimentos.

Todavia, há um outro conjunto de regras, que tem de facto o objectivo de controlar o comportamento dos estudantes que são as normas de comportamento à mesa, ensinadas no processo de socialização primária em culturas diferentes durante os rituais de comensalidade. Comer com talheres, com pauzinho, comer com a mão, sentado, em pé, comer falando, andando, comer sozinho ou em grupo, calado, falar de boca cheia. Cada uma dessas formas de comer tem um significado específico dentro de cada cultura, ou de grupos dentro de uma cultura.

No caso do refeitório dos estudantes, as refeições têm suas regras rituais e no caso da DSS o acto de os estudantes passarem refeições juntos constitui um acto de convivência social de partilha e uma tarefa educativa.

"Devemos fazer das refeições encontros felizes e descontraídos, presididos pelo bom humor, afeição e espontaneidade, pois isso estimula o apetite. Nunca fazer críticas, passar pito, impor atitudes durante as refeições. A atmosfera de cordialidade é mantida pela alegria. É ela que facilita o processo de adaptação fácil às pessoas e as circunstâncias, pois elimina a atitude de conflito. O primeiro momento da refeição exige sorriso, fisionomias, pré-disposição para participar do prazer de compartilhar. (Braga, 2005)

A apresentação dos alimentos também é de suma importância para que o ambiente da refeição seja agradável. O estudante deve gostar de comer. Apresentar refeições fartas e variadas dentro das possibilidades do sector de alimentação. Muitos menus, relativamente baratos são apetitosos e nutritivos. Devemos saber demonstrar, no decorrer das refeições, o apego que uns devem ter pelos outros" (idem).

Simmel (2004), ao escrever sobre a sociologia da refeição destacou singularidades deste momento classificado por ele como social e ao mesmo tempo extremamente individual. A refeição, ainda segundo Simmel, é marcada pelo primitivismo fisiológico e pela universalidade própria da esfera das acções sociais recíprocas, e por isto assume um significado supra-pessoal. Uma refeição conjunta adquiriu um valor enorme social em outras épocas, cuja revelação mais evidente são as interdições de comensalidade. Por exemplo, o Concílio de Viena, de 1267, determinou que os cristãos não deveriam colocar-se a mesa com os judeus.

Na Índia, deixar-se contaminar por comer com alguém de casta inferior, principalmente com os chamados "intocáveis", pode ter consequências funestas: frequentemente, um hindu come sozinho para estar completamente seguro de que não compartilha a mesa com um companheiro proibido (idem).

Ainda segundo Simmel (2004), nos sistemas das corporações medievais, comer e beber em comum constituíam um ponto de importância essencial; era um símbolo de segurança, de pertença e de identidade, tendo isso em vista, a mudança de comportamento dos estudantes de curiosos para tímidos, com nossa presença na mesa entre eles, ora como observadores, ora como actores, ilustra, uma situação onde o compartilhar das refeições envolve sentimentos e acções que podem estar repletos de significados. "A simples exterioridade

física da alimentação se apoia no princípio de uma ordem infinitamente maior: na medida em que a refeição se torna um assunto sociológico, ela assume formas mais estilizadas, mais estéticas e mais reguladas supra-individualmente”.

Nesse sentido, ressalta-se a formação das prescrições sobre comer e beber nas refeições, e isto não em uma perspectiva sobre a comida como género e matéria, mas com respeito à forma de sua consumação. Assim, observa-se que o acto de comer conduz igualmente à regularidade na hora de comer, pois um círculo de pessoas apenas poderia se encontrar em horas pré-determinadas.

Essa foi a primeira superação do naturalismo no acto de comer. Deve-se notar, também, a existência de uma hierarquia da refeição, ou seja, a existência de regras para servir que passam a respeitar a ordem dos alimentos a serem servidos e a sequência dos indivíduos que se servem ou são servidos.

Contudo, há uma regra formal que está acima das carências variáveis dos indivíduos: a socialização da refeição a eleva ao grau de uma estilização estética, que actua de volta sobre esses indivíduos, seja pelos acessórios, mobília, talheres e objectos próprios ao momento da refeição, ou mesmo pelos modos e gestos dos comensais para com a comida, desta forma, ter modos individualistas de comer, assim como se costuma ter modos de andar, de trajar, de falar, etc. (íbidem)

2.2. O respeito pelos hábitos alimentares locais

O sector de alimentação é uma área de suplementação alimentar, não visa erradicar a desnutrição ou mesmo acabar com a fome dos estudantes nas residências. Essa “vocação” é atribuída na medida em que a maioria dos beneficiários da alimentação pertencem às camadas mais vulneráveis da sociedade e, com base nisso, os gestores dos serviços de alimentação, acreditam que a refeição oferecida é a principal ou até mesmo a possível.

Potencialmente, os objectivos dos serviços de alimentação para além de garantir uma alimentação adequada, é também a “formação de hábitos alimentares saudáveis.” Quando se fala na formação desses hábitos, afirma-se a necessidade de criar hábitos de consumo de alimentos de forma natural ou aumentar o consumo de outros pratos como legumes, frutas e verduras por parte dos estudantes. No entanto, as frutas são caras em várias regiões do país,

embora haja preocupação dos gestores em pensarem na elaboração e propor formas de superação dessas dificuldades em nível de distribuição e consumo desses alimentos.

Os serviços de alimentação apresentam duas formas de influenciar os hábitos alimentares: A alimentação que é oferecida aos estudantes e o sistema de juntar todos estudantes no refeitório, pois os gestores dos serviços de alimentação acreditam que a escola tem o dever de ensinar e assim se discute a questão da alimentação estudantil.

A questão dos hábitos alimentares mereceu uma atenção no nosso trabalho, por ser importante porque visa perceber como eles comiam em casa, como comem na cantina da faculdade e na rua, qual o significado dessa alimentação, bem como o “lugar” que ela ocupa a partir das representações dadas por eles. Portanto, recorreremos à “gramática dos espaços”, apresentada por Da Matta (2000), e que traduz as implicações que os diversos espaços têm na forma de pensar e de se comportar das pessoas.

Segundo o autor, isto ocorre porque a sociedade tem seus espaços organizados com valores e códigos que permitem o discernimento entre a rua e a casa, enquanto espaços ocupados e vividos de maneiras distintas, de modo que atitudes, papéis sociais, comportamentos e gestos são adequados a esses espaços.

Sobre a aceitação pelos estudantes dos alimentos e dos menus estipulados, apontamos alguns caminhos que contribuem para esse trabalho. O caminho da percepção sobre quais os valores que norteiam a selecção dos alimentos para a montagem do menu, pelo (s) nutricionista (s) ou responsáveis, ou o caminho da compreensão de quais os motivos que levam a recusa por parte dos estudantes ou a possível aceitação da alimentação oferecida.

Desta forma são considerados aspectos como o gosto dos estudantes e à percepção que possuem desse alimento de forma mais geral e, mais especificamente, quando se analisa a qualidade da alimentação.

Acerca do caminho que leva à identificação dos motivos à recusa, deve se tomar em consideração aspectos relacionados ao gosto, sua formação e os aspectos simbólicos que podemos extrair dessa percepção (Fischler 1995).

Outro conjunto de questões subjacentes aos hábitos alimentares relaciona-se às maneiras de se alimentar, ou como se come aquilo que se come, bem como as categorias utilizadas para definir esses hábitos e os significados dos “bons hábitos alimentares” relacionados às “boas maneiras”. (idem)

2.3. A dimensão simbólica da alimentação estudantil

Neste trabalho, julgamos importante também, explorar a dimensão simbólica da alimentação dos estudantes a partir das concepções que os sujeitos em questão têm sobre os serviços de alimentação dos estudantes e sobre os demais elementos a ele relacionados. Desse modo, é possível verificar quais as implicações dos valores que formam essas concepções sobre os hábitos alimentares subjacentes ao Programa de Alimentação dos Estudantes.

Segundo Fischler (1995), os hábitos alimentares são constituídos por um conjunto de técnicas, de operações simbólicas e de rituais que participam da construção da identidade alimentar de um grupo, população ou sociedade, sendo esse conjunto variável de uma cultura para outra e no interior de uma mesma cultura. A alimentação estudantil se constitui por um conjunto de elementos simbólicos que, de acordo com nossa abordagem, designam quais os alimentos mais propícios para o consumo dentro do refeitório e quais estão proibidos. Isso porque o alimento, bem como o conjunto de suas práticas, são repletos de significados culturalmente definidos que caracterizam a identidade de um grupo específico de pessoas.

O hábito alimentar subjacente ao programa de alimentação dos estudantes não diz respeito apenas às práticas relacionadas ao que se come, quanto, como, quando, onde e na companhia de quem, mas também aos aspectos subjectivos que envolvem a alimentação: os socioculturais e os psicológicos (por exemplo: alimentos e preparações apropriados para situações diversas, escolhas alimentares, comida desejada, alimentos e preparações que gostaríamos de apreciar).

Assim, recorreremos à investigação das representações sociais que serve como elo de aproximação com os aspectos subjectivos do comportamento alimentar.

Na alimentação dos estudantes, podemos identificar um conjunto de “crenças” sobre aquilo que é a “alimentação,” o que são os “alimentos básicos,” a “alimentação saudável,” e quais,

são os determinantes da “comida” servida no refeitório estudantil. Os valores que informam a prática e as concepções dos sujeitos estão pautados em concepções relacionadas às representações sobre “alimentação, necessidade” e “saúde” que, por sua vez, determinam e estruturam as configurações actuais dos serviços de alimentação.

Entre estes factores, existe o factor classe social que é definida por Gade (1977) como a divisão da sociedade em grupos relativamente homogéneos que têm características sociais comuns, o que permite relações entre si e restringe as relações com outros pertencentes a classes sociais diferentes. Como é que este factor pode influenciar na representação sobre alimentação?

Outro factor é a cultura, entendida como um complexo de padrões de comportamentos, hábitos sociais, significados, crenças, normas e valores seleccionados historicamente, transmitidos colectivamente, e que constituem o modo de vida e as realizações características de um grupo humano (Alves, 1999).

Para melhor compreendermos este fenómeno no seio dos estudantes, propomos uma pergunta de partida que nos possa levar as conclusões da nossa pesquisa que é a seguinte: Em que medida as representações sociais influenciam no comportamento alimentar dos estudantes, tendo em conta o seu espaço social?

Como forma de obtermos as informações que nos levarão a análise do fenómeno com bases sociológicas, e posteriormente respondermos à nossa pergunta e que poderá ser acolhida ou rejeitada, colocamos a seguinte hipótese:

2.4. Hipóteses:

- Os estudantes constroem suas representações sobre alimentação a partir da sua origem social, cultural e os hábitos alimentares o que influencia o comportamento alimentar.

Propomos fazer uma análise do comportamento colectivo⁶ dos estudantes bem como o que influencia o comportamento diferenciado e divergência de opiniões em torno da

⁶ É um comportamento que caracteriza os componentes dos agregados, especificamente das multidões, e que não se constitui na simples soma dos comportamento individuais, mas que se afigura como um comportamento determinado ou influenciado pela presença física de muitas pessoas, com certo grau de interação entre elas. (LAKATOS e MARCONI, 7ª ed. SP, Atlas, 1999, p.345)

alimentação. Assim, olhamos a variável representação social, como aquela que pode explicar os nossos objectivos desde o geral aos específicos segundo a ordem abaixo:

- Analisar a influência das Representações Sociais em torno da alimentação no comportamento alimentar dos estudantes.

Para complementar a nossa análise iremos de forma específica:

- Identificar os factores que influenciam as representações sociais dos estudantes e relação à aceitação ou não da alimentação;
- Identificar outros factores nos círculos de amizade no seio dos estudantes e sua influência na mudança dos hábitos alimentares.

2.5. Justificativa

A preocupação que nos leva a fazer este trabalho é o facto de não haver um estudo científico de carácter social sobre a questão alimentar dos estudantes bolseiros na UEM, pois esses, apesar de estarem a viver nas mesmas residências e com o direito de passarem refeições no mesmo mas para o caso das residências o comportamento se apresenta diferenciado quanto o caso da alimentação. Ora, preocupante é compreender porquê desse comportamento diferenciado em relação a alimentação.

A Universidade Eduardo Mondlane, admite anualmente estudantes novos ingressos provenientes de vários estratos socioculturais e económicos do país, dos quais cerca de 350 são atribuídos bolsa completa⁷. Essa diversidade social, cultural e económica, faz com que se torne cada vez mais difícil gerir as políticas sociais de atendimento aos estudantes devido a falta de informação e conhecimento sobre o perfil do estudante, que é o potencial utilizador dos serviços sociais da UEM em geral e da alimentação em particular.

Para além das diferenças acima citadas, nas residências, os estudantes são confrontados com novas exigências sociais, tais como: a partilha de um mesmo espaço (quarto, cozinha, refeitório, casa de banho, electrodomésticos), novos métodos de ensino, horário e formas de avaliação diferentes dos que estavam habituados.

Se por um lado a alimentação reflecte a diversidade das culturas e o modo de pertença um grupo social, por outro lado a cozinha expressa um saber complexo em que estão envolvidas práticas, tabus, gostos, prazeres, receitas, exposição pública e distribuição de alimentos, riqueza, organização social e poder (Dantas, 2004).

Acredita-se que o comportamento alimentar dos seres humanos distingue-se do dos outros animais não apenas pelo preparo dos alimentos ligado, em maior ou menor grau, a uma dieta e/ou a prescrições, também pela comensalidade e, principalmente, pela função social das refeições.

A alimentação deve ser analisada sob várias perspectivas, sendo ao mesmo tempo complementares e independentes, tais como a perspectiva económica, a perspectiva nutricional, a perspectiva social e a perspectiva cultural. Reunindo estas perspectivas, observa-se a relevância dos factores económicos, nutricionais, sociais e culturais ao se determinar o tipo de consumo alimentar dos indivíduos (Lima, 2009).

⁷ Tipo de bolsa dada pela UEM que inclui alojamento, alimentação e subsídio monetário.

Assim, reconhecemos que o estudo do comportamento e dos hábitos alimentares tem um papel fundamental não só na identificação do que os consumidores adquirem em termos de alimento, mas quais os factores que permeiam a escolha destes alimentos. O acto alimentar se desenrola de acordo com regras impostas pela sociedade, influenciando a escolha alimentar.

Essas regras são representadas pelas maneiras de preparação dos alimentos, pela montagem dos pratos e pelos rituais das refeições (como, por exemplo, os modos e as posições das pessoas à mesa, os horários estipulados, entre outros), contribuindo para que o homem se identifique com o alimento, também por sua representação simbólica.

A missão da Universidade pública cumpre-se com a geração de um conhecimento e saber sistematizado e socializado, com profissionais capazes de contribuir para o projecto de uma sociedade mais justa e igualitária, onde o acesso ao ensino superior deve ser articulado as acções da assistência através de uma política que actue na alimentação, alojamento, saúde, cultura, lazer entre outros (Fonaprace⁸ 1997).

Assim, a Universidade Eduardo Mondlane através dos serviços de alimentação para os estudantes, pretende transmitir o valor social da alimentação como um processo que caracteriza a coesão social no seio dos estudantes. Eles devem partilhar os seus hábitos alimentares daí, a criação de um espaço para o efeito, pois eles são todos beneficiários do mesmo sistema social que garante a sua alimentação.

⁸ Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantís e Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições de Ensino Superior). Pesquisa amostral do perfil Sócio-económico e cultural dos Estudantes de Graduação das IFES, Brasil, 1997.

CAPÍTULO III

ENQUADRAMENTO TEÓRICO E CONCEPTUAL

3.1. Quadro teórico

Neste ponto apresentamos o quadro teórico e os conceitos que usamos ao longo da nossa pesquisa. Assumimos que as representações e percepções sobre a alimentação, são socialmente construídas nos processos de interacção entre os actores sociais e tendo em conta o contexto em que estão inseridos.

Neste sentido, entendemos que a *teoria da construção social da realidade* defendida por Berger & Luckman (1978), não pode explicar o nosso objecto, daí, recorreremos a Teoria das Representações Sociais defendida por Moscovici (1969), porque ela melhor nos leva aos nossos objectivos, porque as representações sociais são por si sós uma construção social da realidade. A realidade se constrói através das representações sociais, no dia a dia.

Segundo este autor, a realidade é construída, como tal, pela significação que lhe é conferida ao ser interpretada. Através da linguagem. A interpretação é, portanto, o instrumento que constrói a realidade a partir da actividade simbólica. Assim, a representação é a forma pela qual é concebido o real, intermediado pela operação de simbolizarão, onde o real existe pela constituição subjectiva e simbólica do sujeito compartilhada histórica e colectivamente (apud Neto, Félix, 1998)

Optamos por desenvolver o conceito de representações sociais, que se insere no campo da Psicossociologia⁹ (Maisonneuve,1977), e suas relações com o conceito de esfera pública e as especificidades do discurso político. Por isso, neste capítulo, exploraremos o arcabouço teórico da Teoria das Representações Sociais de Serge Moscovici, incluindo alguns autores clássicos dos quais ela é tributária, para em seguida avançar na discussão com os outros conceitos.

⁹ A Psicossociologia é um campo de pesquisa que pretende ser específico, mas não autónomo, por se alimentar de conceitos da Psicologia e das Ciências Sociais. A interacção é seu foco central: a interacção entre os processos sociais e psíquicos, e entre as experiências subjectivas e as percepções objetivas, no nível das condutas, dos agentes, e dos grupos (MAISONNEUVE, 1977).

Na óptica de Moscovici (1978), nos seus estudos na área da psicanálise, o sujeito incorpora ao senso comum, conceitos da psicanálise com recursos significantes próprios, quando na prática esses conceitos já existem como representações sociais e são utilizados para interpretar a realidade.

Em outras palavras, as representações sociais da alimentação não são conformadas apenas pela informação científica, incorporada às práticas através da transformação do senso comum, como também adensam na propaganda de produtos alimentares, as condições concretas existentes, os costumes alimentares, a origem social e cultural, os aspectos subjectivos veiculados através da alimentação e a experiência orgânica que compõem a teia de significados e que vem expressa nas representações sociais sobre alimentação. Importa salientar que a experiência física vivida através do paladar e demais envolvimentos simbólicos dessa prática compõem fortemente as representações sociais.

Alguns dos autores clássicos que mais influenciaram a formulação da Teoria das Representações Sociais foram Max Weber (1904/2000) e Émile Durkheim (1953/1974). Quanto a Durkheim, Moscovici afirma que deve a seu conceito de representações colectivas a formulação do conceito de representações colectivas¹⁰. É, sem dúvidas, um autor fundamental na construção dessa teoria, tanto pela herança declarada quanto pelo corte de diferenciação que permitiu o desenvolvimento mais aprofundado da Teoria das Representações Sociais.

A partir do conceito de representação colectiva de Émile Durkheim, surge então a noção de representação social que, para Moscovici, é a mais adequada na era moderna para estudar as representações sociais na perspectiva psicossocial, podendo ser tratado nas duas áreas do saber ou seja a psicologia e sociologia.

Julgamos importante focalizar as influências de Weber, que também foram admitidas pelo autor¹¹. Podemos dizer que sua contribuição mais importante foi a valorização dos sentidos

¹⁰ Representações coletivas podem ser definidas como representações compartilhadas em determinada sociedade de forma homogênea, pelas quais os indivíduos são constringidos a manter-se sob a coesão social (JOVCHELOVITCH, 2008).

¹¹ Abordamos brevemente a Sociologia Compreensiva de Weber neste capítulo, apesar de haver outros autores clássicos que influenciaram a Moscovici no desenvolvimento de sua teoria, porque Max Weber é,

que motivam as acções sociais, e suas considerações sobre a formação da sociedade moderna. Alguns dos conceitos que desenvolveu foram incorporados por vários ramos da Ciência Política, do Direito e da Sociologia.

Sua metodologia confere autonomia relativa ao indivíduo e coloca as bases para o surgimento do Interacionismo Simbólico, a Etnometodologia e a Fenomenologia (Goulart, 1992). Seus conceitos de acção social, relações sociais e racionalização são interessantes para compreendermos a visão de Moscovici sobre as relações entre sujeito e sociedade, e para entendermos as funções das representações sociais.

Para Weber (2000), compreender as conexões de sentidos significa entender o que motiva as acções dos indivíduos. Nem toda acção é social, mas toda acção social é motivada por sentidos e por interesses que perpassam o reconhecimento da alteridade. Assim, o indivíduo age socialmente quando está motivado pelo que espera do comportamento do outro.

Por trás dos interesses que reúnem as pessoas, existem valores que são compartilhados e que caracterizam o grupo. Quanto à noção de representação, Weber não desenvolveu nenhum conceito específico, mas reconheceu que a vigência de uma norma ou ordem, que não é necessariamente oficial ou jurídica, ocorre quando há a representação desta vigência.

Assim, Moscovici formulou uma teoria que considera o fenómeno de representações sociais contemporâneo à penetração do conhecimento científico no senso comum e à multiplicação de pólos de poder, ou seja, o deslocamento das fontes de saber social para vários pólos. O esforço para se compreender o mundo, através de uma dimensão racional e uma dimensão prática é no que consiste basicamente a atividade representacional.

Assim, a Teoria das Representações Sociais amplia o que Weber chamou de sentido social, e conseqüentemente amplia a noção de relações sociais. As representações sociais são hipóteses explicativas sobre objectos socialmente relevantes, e podem ser entendidas como conexões de sentidos, que possuem uma dinâmica própria de constituição, permanência e

dentre suas bases teóricas, o que tem mais pertinência ao campo das Ciências Políticas e da Sociologia, com os quais pretendemos dialogar mais directamente.

mudança, que exigem certo tipo de funcionamento cognitivo, e por outro lado são fundamentais na formação e manutenção do colectivo (Moscovici, 2003).

A partir da visão Moscovicista, podemos interpretar que os actores sociais usam representações como guia do seu comportamento sobre factos e objectos ao seu redor no processo de interacção com outros actores sociais. Contudo, eles agem na relação causa efeito porque têm capacidade de adaptação, criação e transformação das suas representações sociais dentro do seu contexto e sobre uma determinada realidade.

Para Moscovici (1969), as representações sociais são conceitos, valores, princípios, opiniões e se elas interferem na conduta dos indivíduos, significa que orientam as suas atitudes e práticas correntes bem como o que os indivíduos pensam sobre eles, os outros e o que lhes rodeia.

A teoria da representação social vem se traduzir na necessidade de compreendermos como a posição social, os hábitos alimentares, culturais, dos estudantes podem influenciar na forma como eles representam a alimentação e, posteriormente, tomarem o comportamento que determina sua adesão ou aceitação dos serviços de alimentação da Direcção dos Serviços Sociais, o que quanto a nós constitui uma forma de integração e adaptação ao novo ambiente social caracterizado pela solidariedade com vista ao alcance dos seus objectivos escolares.

Assim, entendemos que a representação social, é a forma pela qual é concebido o real, intermediado pela operação de simbolizarão, onde o real existe pela constituição subjectiva e simbólica do sujeito, compartilhada pela colectividade num dado período histórico.

Perante esses debates, constatamos que as percepções dos estudantes em relação a alimentação são influenciadas por factores como a origem social, cultural e económico, associado, ao seu meio ambiente, pois é neste meio em que os estudantes diferenciam-se ou não uns dos outros.

Mas, a grande preocupação nesse trabalho é o porquê das diferenças do comportamento alimentar no seio de estudantes que estão inseridos no mesmo meio social e como usar os

factores de divergência para elaboração de novas políticas sociais na área alimentar para mudar este comportamento alimentar aumentando o nível de adesão e aceitação, no espaço social alimentar e diminuir as ausências no mesmo.

Para entender melhor a base epistemológica da Teoria das Representações Sociais, também podemos recorrer a Berger e Luckmann (1966/1997), que fazem parte do movimento construtivista da Sociologia, numa vertente que privilegia o percurso das interações às estruturas sociais (Corcuff, 2001). Ou seja, entende-se que as estruturas sociais são construídas e mantidas a partir das interações dos sujeitos.

As trocas no dia-dia perpetuam e modificam as estruturas sociais, pelo uso do conhecimento compartilhado sobre elas. Esse conhecimento é construído por diferentes relações sociais institucionalizadas, das quais são legitimadas formas de pensar, perceber e viver. Assim, a sociedade é realidade objetiva que se impõe às pessoas, mas ao mesmo tempo é realidade subjetiva porque é interiorizada pelos sujeitos no processo de socialização. Essa interiorização não é uma apreensão simples, mas é criativa, produtora de sentidos nas interações face a face (Berger & Luckmann, 1966/1997).

Quando falamos de representações sociais, partimos geralmente de outras premissas. Em primeiro lugar, consideramos que não existe um corte dado entre o universo exterior e o universo do indivíduo (ou do grupo), que o sujeito e o objecto não são absolutamente heterogêneos em seu campo comum. O objecto está inscrito num contexto activo, dinâmico, pois que é parcialmente concebido pela pessoa ou a colectividade como prolongamento de seu comportamento e só existe para eles enquanto função dos meios e dos métodos que permitem conhecê-lo (Moscovici, 1978)

Para (Arruda, 2003) a criatividade do sujeito cognoscente é um dos eixos epistemológicos da Teoria das Representações Sociais. Portanto, as representações sociais não se equivalem ao postulado representacional criticado por Francisco Varela (1998)¹², pois não são cópias fiéis da realidade, incorporadas mentalmente por cada sujeito. O sujeito é activo, faz escolhas, combina as imagens trazidas pelas representações sociais, e recorre a estas para compreender as situações que o desperta, para tomar atitudes ou emitir opiniões

¹² É importante diferenciar o conceito criado por Moscovici do postulado representacional de ramos das Ciências Cognitivas, tendo em vista que este é irreconciliável com a ideia da criatividade da percepção e, portanto, da característica construtivista e dinâmica do conhecimento. Para aprofundamento das afinidades da Teoria das Representações Sociais com as considerações de Francisco Varela, sugerimos a leitura de: SANCOVSKI, B. Sobre a noção de representação em S. Moscovici e F. Varela. In: *Psicologia & Sociedade*; 19 (2): 7-14, 2007; e o Capítulo 1 de POMBO-DE-BARROS, C. Desenvolvimento emocional e teoria das representações sociais: diálogo transdisciplinar. Monografia de Graduação, UFRJ: 2007.

(Moscovici, 2003). O que ocorre é a dialéctica constante da co-construção dos objectos, das representações e dos sujeitos.

3.2. Quadro conceptual

Nesta fase, pretendemos clarificar os principais conceitos que nos conduziram na compreensão do comportamento alimentar dos estudantes, através da variável representação social. Deste modo, para o efeito, consideramos os seguintes conceitos principais a serem definidos: *Representação social, Alimentação, Serviço social, Comportamento dos indivíduos, Estudante bolsheiro e Residência Universitária*. Contudo, definiremos aqueles que julgamos melhor explicar os propósitos do nosso trabalho

3.2.1. Representação Social

O conceito de representação social encontra-se nas fronteiras entre a sociologia e a psicologia, pois esse conceito nasce do termo “representação colectiva” de Durkheim e é definido de várias maneiras de acordo com cada autor. Segundo *Durkheim (1998)*, as representações colectivas designavam um conjunto de conhecimentos e crenças representados por religião, ciência e mitos, mas que actualmente os psicólogos consideram as representações como fenómenos múltiplos estudados ao nível da complexidade individual e colectiva.

Tomando em conta o papel do termo representação social na formação de condutas, Moscovici (1969), optou por trocar o termo colectivo trazido por Durkheim, por social, tendo admitido que as representações são construídas pelos actores sociais no processo da elaboração do conhecimento de forma partilhada, o que reforça a ideia de que a representação social é um conceito de origem psíquico e que tem repercussões sociais.

Pode-se afirmar então que a representação social é a construção mental da realidade que possibilita a compreensão e organização do mundo, bem como orienta o comportamento. Os elementos da realidade, os conceitos, as teorias e as práticas são submetidos a uma reconstituição a partir das informações colhidas e da bagagem histórica (pessoal e social).

Para Moscovici (1978), a representação social “ é uma preparação para a acção, tanto por conduzir o comportamento, como para modificar e reconstruir os elementos do meio

ambiente que o comportamento deve ter lugar”. Moscovici, considera o ser humano um ser pensante que formula questões e busca respostas ao mesmo tempo que compartilha realidades por ele representadas.

Contudo, o autor configura as representações sociais em três dimensões: a) *Informação*, quando se refere a fontes e organização dos conhecimentos que o grupo social possui a respeito de um facto social, fenómeno ou objecto; b) *Campo de Representação*, relacionado com a organização dos elementos que formam a representação, remetendo a sociedade a ideia de imagem acerca do objecto representado; c) *Atitude*, referente a um conjunto de orientações (cognitivas e afectivas do sujeito) em relação ao objecto da representação social.

A representação social “é uma forma de conhecimento socialmente elaborada e partilhada, tendo um objectivo prático e concorrendo à construção de uma realidade comum a um conjunto social” Jodelet (1994, p.36).

Este conceito de Jodelet pressupõe que os estudantes devem adoptar uma forma comum de representar a alimentação, o que fará com que tenham um determinado comportamento.

A representação social é assim primeiro, um acto individual e a forma de representar algum fenómeno está dependendo de vários factores, assim como as percepções dos estudantes, acto que culmina com comportamentos individuais mais tarde partilhados.

Para Abric (1994), “a Representação social é resultado, e processo de uma actividade mental segundo a qual um indivíduo ou um grupo reconstrói o real com qual ele é confrontado e lhe atribui uma significação específica”.

De acordo com estas definições, afirmamos que todos os autores realçam o sentido psico e social do conceito da representação social. Ela é construída e reconstruída a partir de um sentido individual e quando partilhada pelo grupo de pessoas/indivíduos, toma a dimensão social. Nesta ordem, os estudantes para além do conhecimento que possuem sobre alimentação a partir dos factores individuais, devido ao ambiente que vivem nas residências, constroem outras opiniões, imagens, ideias e símbolos em volta do fenómeno comportamento alimentar no refeitório, e a partir daí tomam um certo comportamento reflectido na adesão/aceitação ou não dos serviços prestados pelos serviços de alimentação.

3.2.2. Alimentação

Em relação ao termo alimentação, encontramos diversas definições, umas mais completas outras menos, contudo, apesar de existirem divergências, existem pontos comuns.

Para além das percepções socialmente construídas em torno de conceito de alimentação que pode variar do nível social, cultural e económico dos indivíduos, encontramos conceitos científicos como de Ferreira (1983), segundo a qual alimentação “é acção de fornecer ao organismo os alimentos de que precisa sob forma de produtos alimentares naturais, modificados ou ainda em partes sintéticas”.

Assim, para Ferreira (1983), o processo de alimentação é antecedido da escolha, preparação, distribuição, seguida de mastigação e deglutição que constituem um conjunto coordenado de actos voluntários”. Este processo se associa à nutrição e remata que ela é a fase anterior à nutrição que é definida como conjunto de fenómenos físicos, químicos e fisiológicos, que acontecem no organismo segundo os quais esse (organismo) recebe e utiliza os materiais fornecidos pelos alimentos, e que são úteis para a formação da matéria viva e realização das actividades vitais do dia a dia dos indivíduos ou grupo.

Daí, a nutrição como ciência se relaciona com várias outras ciências de entre elas a sociologia e a sua prática tem a finalidade de contribuir para uma vida mais segura, livre de doenças, atrasos físicos e mentais, o que permite melhor inserção social e exercício das actividades humanas. Assim, a nutrição humana, aliada a alimentação, é uma disciplina científica que trata a nutrição do homem e suas necessidades nutricionais, composição dos alimentos, consumo dos alimentos, hábitos alimentares e a relação entre saúde e dieta.

A nutrição está relacionada com as implicações psicológicas, sociais, culturais e económicas, do alimento, e do modo como os indivíduos se alimentam. Com base nestas descrições, a alimentação é definida como uma acção de abastecer e receber alimentos de forma voluntária e consciente. (apud, Fidalgo, 2002).

Segundo Poulain (2003) sociólogo, a alimentação não é apenas um acto biológico, mas também, uma representação corrente de valores fundamentais de uma cultura ou de uma época, onde a modernidade acompanha as mudanças sociais, esclarecendo os riscos das

identidades e símbolos que sustentam a alimentação e a sociologia participa da sua compreensão colocando as ferramentas metodológicas à disposição dos actores sociais engajados nos diferentes níveis da experiência alimentar.

Perante estes conceitos, podemos considerar o conceito de alimentação, primeiro, como um acto individual que concorre primeiro para o bem-estar do indivíduo e posteriormente para o bem-estar social e cultural de um grupo numa determinada sociedade durante um período de tempo ou uma época.

3.2.3. Serviço Social

Segundo FIAS¹³ (1994), o termo Serviço Social tem a sua origem nos ideais e filosofias humanitárias, religiosas e democráticas. Tem como objectivo responder às necessidades humanas que resultam das interações pessoa/sociedade e ainda ao desenvolvimento do seu potencial humano.

Os indivíduos que praticam os serviços sociais são chamados de Assistentes Sociais e têm como objectivo o bem-estar e a auto-realização dos seus utentes; o desenvolvimento e o uso disciplinado do conhecimento a respeito do comportamento humano e social; O desenvolvimento de recursos que vai ao encontro das necessidades e aspirações, tanto dos indivíduos, como dos grupos e da sociedade, em ordem a uma maior Justiça Social. O Assistente Social é obrigado a reconhecer e a aplicar estas normas de conduta ética, baseadas na Declaração Internacional dos Princípios Éticos de Serviço social.

Montano, (2007), em “*A natureza do Serviço social*” refere que vários estudos feitos pela ONU¹⁴ em 1952 defenderam a opinião sobre o Serviço Social como uma actividade, método de ajuda, processo metódico, esforço conjunto e um processo de intervenção. Para Montano, o Serviço Social ultrapassa a função de auxílio, isto é, não espera que o mal apareça, mas sim procura ajudar os indivíduos, a família ou o grupo a viver em harmonia com seus semelhantes, a fortalecerem-se a nível moral, e cultural a fim de enfrentar as mudanças económicas, sociais que se constituem no mundo moderno, e a cumprirem os papéis que lhes cabem na sociedade.

¹³ Federação Internacional dos Assistentes Sociais, Sirilanka, Julho, 1994

¹⁴ Organização das Nações Unidas

B.I.T (1988)¹⁵, considera Serviço social “como um tipo de Protecção social que o Estado concede aos seus cidadãos dependendo dos recursos disponíveis e que é exercida por instituições públicas e privadas” e inclui:

- Acção de prevenção de doenças como cólera, malária ou febre tifóide (assistência médica), através da educação dos indivíduos a terem cuidados de higiene, evitando acidentes, implementando programas de vacinação etc.
- Reabilitação dos acidentados e deficientes;
- Atribuição de instalações especiais para deficientes e idosos;
- Provisão de consultas e assistência de planeamento familiar;

Os Serviços sociais da UEM, não são apenas um instrumento catalisador na atribuição de benefícios sociais como alimentação aos estudantes, neste caso específico, mas também permitem a compreensão de que o Serviço Social ajuda na identificação, prevenção e apoio aos estudantes na resolução dos seus problemas, dificuldades sociais e o estabelecimento de uma relação de ajuda de estudante para estudante, de modo a evoluir no seu processo de investigação para a promoção do sucesso escolar e bem estar social¹⁶, e por estarem relacionados com serviços de Assistência Social¹⁷, enquadrados no esquema de segurança social que visa a melhoria da qualidade de vida dos estudantes dentro do meio social em que estão inseridos.

Fonaprace (1997), considera a assistência social (Serviço Social) como “parte de um projecto académico que tem a função fundamental de formar cidadãos qualificados e competentes”. Face a estes debates, na nossa compreensão a assistência social para além do seu papel de assistir, deve servir de “facilitador” no processo de desenvolvimento e crescimento dos estudantes e a alimentação é parte integrante e importante para o sucesso do estudante daí, a sua qualidade deve constituir preocupação na medida em que deve responder as necessidades da comunidade estudantil e sem divergência de opiniões, concorrendo para adesão e aceitação pelos estudantes.

¹⁵ BIT (Bureau Internacional de Trabalho - Genebra, 1988)

¹⁶ Rafael, M. G. “ a Relação de ajuda e a acção social no contexto universitário” Revista Textos & Contextos Porto Alegre v. 6 n. 2p.252-263.jul/dez.2007

¹⁷ A Assistência Social é geralmente um seguro social onde o Estado disponibiliza e administra recursos, cabendo ao beneficiário comprovar a sua condição de vulnerabilidade económica, não sendo necessárias quaisquer contribuições”. (Quive, 2007:29),

Os Serviços sociais desenvolvem uma Acção social integrada numa teoria baseada no funcionalismo estrutural e, segundo Parson, a acção social “é tendencialmente coerente com os significados que o agente social extrai da própria relação com o mundo exterior e que desenvolve num quadro de regras, normas e valores no seio de uma sociedade e cultura.

Aliado a este conceito, encontra-se o sistema de acção social que adquire a estrutura do sistema cultural que, para Parson, não é considerado como sistema de relações entre indivíduos, mas entre diversas posições sociais, que constituem o “o estatuto” do sujeito, ao qual se religam as suas actividades que determinam o seu “papel”. (Demartis, 2006, p.249).

No contexto da nossa pesquisa, o conceito da Acção Social que melhor se enquadra, é do Rocher (1971), para que esta consiste numa intervenção voluntária por vezes organizada em ordem a modificar o meio social, melhorar as condições de existência. Para Rocher, acção Social “é definida como parte das ciências sociais que estuda as possíveis e oportunas modificações a serem introduzidas nas estruturas sociais, onde antes temos a política social que tem por objectivo guiar a acção e construir ou reformar a sociedade e dirigi-la”.

Este conceito relaciona se, entretanto, com a forma de funcionamento dos Serviços Sociais da UEM na qual as representações sociais que os estudantes têm em torno da alimentação são influenciadas por factores sociais, culturais e económicas e que estas determinam o comportamento dos estudantes para com a alimentação e as relações entre estudantes no seu meio social.

Podemos perceber com facilidade que existem diferenças entre os costumes de uma sociedade em relação a outra. E que essas diferenças são em parte, por causa da própria diferença entre os meios físicos onde se encontram os indivíduos.

Deste modo, ao analisarmos os indicadores como hábitos, costumes, pensamentos, posição social e cultura¹⁸, podemos compreender o comportamento dos estudantes ao aderir e

¹⁸ Conjunto de tradições, regras e símbolos que dão forma a, e são encenados como sentimentos, pensamentos e comportamentos de grupos de indivíduos. Referindo-se principalmente ao comportamento adquirido, por oposição ao dado pela natureza ou pela biologia, a cultura tem sido utilizada para designar tudo o que é humanamente criado (hábitos, crenças, artes e artefatos) e passado de uma geração a outra

aceitar ou não os serviços de alimentação, ou seja, até que ponto esses mesmos indicadores influenciam no comportamento dos estudantes tendo em conta o meio social em que estão inseridos.

Como se referiu Moscovici (1978), “ As representações sociais são uma forma de conhecimento do senso comum, elaborado e compartilhado socialmente e que na sua construção estão presentes o conteúdo (informações, imagens, opiniões, atitudes), o objecto (um trabalho, um acontecimento, uma pessoa), e o sujeito (o indivíduo, a família e o grupo social) ”.

Podemos então afirmar que as representações sociais garantem coesão, controle e continuidade do grupo social, podendo ser utilizados como meio que permite a identificação do grupo, pois através delas este encontra-se sinalizado. Ao analisarmos a questão da alimentação enquanto um Serviço social com base nas representações dos estudantes, estamos a afirmar que as Representações sociais influenciam nas decisões dos estudantes em relação à adesão/aceitação ou não dos serviços de alimentação.

3.2.4. Comportamento

O comportamento dos indivíduos depende de vários factores que podem decorrer de suas características sociais, económicas e culturais. Estes factores se aliam à personalidade, a motivação, e a percepção do ambiente externo e interno¹⁹, de atitudes e de emoções. É preciso porém salientar que em todo o comportamento humano há uma finalidade. O comportamento não é causal, nem aleatório, mas sempre orientado e dirigido para algum objectivo que pode ser pessoal ou colectivo. Assim subjacente a todo comportamento existe sempre um impulso, desejo, uma necessidade, uma tendência, ou expressões que servem para designar os motivos desse mesmo comportamento. (Neto, 1998)

Segundo Demartis (2006), o comportamento é um acto ou conjunto de actos observáveis em que se manifestam actividades, de um ou mais actores sociais. Por outro lado, o comportamento social é uma reacção ou resposta ao comportamento dos outros. O indivíduo satisfaz suas próprias necessidades e preferências segundo modalidades culturais

¹⁹ Conceitos encontrados na Psicologia Behaviorista onde se pressupõe o comportamento humano como uma resposta a um estímulo internoexterno. Mais detalhes sobre esta abordagem dos fenómenos ver Neto (1998)

aceitáveis na base de respostas emotivas que são recordações, sentimentos no conhecimento que ele tem da situação em curso.

No que diz respeito aos estudantes bolseiros das residências da UEM, existe uma relação entre Representações sociais sobre a alimentação e o comportamento destes, na medida que, as estratificações são universais e representam a distribuição desigual de direitos e obrigações na sociedade. A sua função principal é exigir a localização e motivação dos indivíduos na sociedade ou no meio em que estão inseridos.

A diferenciação no seio dos estudantes, deve ser tratada com maior complexidade, pois, eles partilham o mesmo espaço e têm o “mesmo” objectivo (formação) e ainda pelo facto de estes encontrarem-se vulneráveis económica e financeiramente. Estes dois motivos, a diferenciação e a vulnerabilidade, não só realçam a necessidade da existência da alimentação como um serviço social, como asseguram a complexidade do fenómeno (comportamento alimentar).

Apesar da diferenciação entre os estudantes, a alimentação disponibilizada pelos serviços sociais é um elemento que visa estabelecer um ambiente de igualdade social, sem distinção da posição e privilégio social, nível económico e hábitos alimentares.

O estabelecimento da igualdade através da disponibilização da alimentação visa o alcance de um dos principais objectivos dos estudantes, a formação. Contudo, estes precisam de uma alimentação com qualidade e quantidade, que simbolize o seu meio social respeitando todos factores de diferenciação que possam advir nesse processo.

Merton (1957), na sua obra “*Social Theory and Social Structure*”, observa que na sociedade existe um conjunto organizado de relações sociais no qual os membros desta ou do grupo estão diferentemente implicados. Esses membros possuem um comportamento e relações padronizados.

Tal como se refere o autor sobre a sociedade americana observada, nas residências universitárias pressupõe-se a existência de comportamentos que se adequam com o meio e a estrutura social e não comportamento isolado originado pelas diferenças sociais, económicas, culturais ou outro tipo de diferenciação que crie um mal-estar social.

3.2.5. Estudante Bolseiro

Segundo Nicols, (1998), a UEM concede, anualmente, apoios aos estudantes mais necessitados, com maior prioridade para os oriundos de fora da Cidade de Maputo. O apoio através das bolsas de estudo inclui alojamento, alimentação e assistência médica. As bolsas são atribuídas aos estudantes de ambos os sexos, ou seja, masculino e feminino. Para a gestão desses serviços, a UEM criou a Direcção dos Serviços Sociais (DSS) que tem a missão de prestar apoio social aos estudantes, procurando melhorar as condições de vida, do estado psicológico e o desenvolvimento das actividades extra-curriculares, que contribuam para a formação integral dos estudantes bolseiros.

Assim, estudante bolseiro é considerado todo aquele estudante que declara e prova a sua condição de carência económica e financeira através de documentos próprios para se beneficiar de apoio por parte do Estado ou outra entidade que se mostre sensível pela situação de vulnerabilidade do estudante. (idem)

Segundo o Regulamento sobre Bolsa de Estudo, capítulo II, Artigo 5, publicado na Deliberação nº 02/CUN²⁰/2004 na UEM, existe a Bolsa Completa, a Reduzida e Bolsa por Mérito.

É completa a bolsa que habilita o beneficiário ao alojamento, alimentação, assistência médica e medicamentosa, gastos correntes e isenção de pagamento de propinas.; É reduzida a bolsa que contempla os benefícios indicados no número precedente, mas com exclusão do alojamento;

É por mérito a bolsa que contempla os benefícios indicados no nº 2 deste artigo (Constante na Bolsa Reduzida) e superior ao valor atribuído aos beneficiários da bolsa completa, atribuída aos candidatos que preencham o disposto no nº 5 do artigo 8 (Poderão candidatar-se à bolsa por mérito os estudantes que tenham concluído no ano lectivo anterior todas as disciplinas do nível a que pertencem com média anual excelente, desde que nunca tenham sido excluídos ou reprovados em nenhuma destas disciplinas).

²⁰ Conselho Universitário

Assim de acordo com mesmo regulamento, Estudante bolseiro, o estudante a quem tenha sido atribuída parte ou totalidade da bolsa de estudos;

Na atribuição da bolsa, a Universidade Eduardo observa os seguintes princípios:

a) a disponibilidade financeira da UEM; b) a nacionalidade; c) a carência económico-financeira; d) a idade do candidato; e) o rendimento pedagógico do estudante; e f) a transparência do processo de organização e atribuição da bolsa. (Idem);

Importa salientar que de igual modo que os membros da família passam juntos as refeições, a UEM assegura a alimentação porque considera que esse hábito deve manter, pois os estudantes no seu dia-a-dia, constituem uma família académica com o mesmo propósito.

CAPÍTULO IV

METODOLOGIA

4.1. Contextualização

Os refeitórios da UEM existem no âmbito da necessidade de formação de quadros superiores em Moçambique, quando a 21 de Agosto de 1962 foi criada a escola superior denominada “Estudos Gerais de Moçambique”. Nessa época a comunidade universitária reflectia na sua composição a discriminação social, racial, étnica e cultural que caracterizava a sociedade colonial (Nicols, 1998, 3-4).

Os Estudos Gerais passaram a designar-se por Universidade de Lourenço Marques, em Dezembro de 1968, ano em que foram criados os Serviços Sociais. Em 1976, após a Independência Nacional, a instituição passou a chamar-se Universidade Eduardo Mondlane em homenagem ao primeiro Presidente da Frelimo, Eduardo Chivambo Mondlane. (Nicols, 1998)

Nessa época, a UEM passou por um período caracterizado pela ocorrência da grave crise, pelo decréscimo da economia do País e a introdução do Programa de Reabilitação Económica (PRE). Esta crise reflectiu-se na falta de recursos para suportar os gastos da UEM, desde o pagamento dos salários aos docentes e Corpo Técnico e Administrativo (CTA), até a alimentação, devido ao crescente número de estudantes (idem).

A nível dos Serviços Sociais, a crise que afectou a UEM fez-se sentir com maior incidência nos sectores de Alojamento por falta de lugares nas residências e na Alimentação dos estudantes bolseiros por dificuldades logísticas. Estas situações originaram as greves estudantis de 1989 e 1996 na UEM. Nesse período por exemplo, a UEM tinha cerca de 2800 estudantes entre bolseiros e não bolseiros²¹ em todas residências. Este número foi aumentando até atingir os 5000 em 1990 (idem)

Para fazer face a várias situações de estudantes, os Serviços Sociais passaram a ser dirigidas pela Direcção dos serviços sociais (DSS), em substituição da Divisão de

²¹ Estudantes que não se beneficiam de certo apoio do Estado (subsídio, alimentação e alojamento).

Alojamento e Alimentação e criado o sector de alimentação especificamente. Devido ao crescente número dos estudantes e a crise, foi criado o refeitório II, e que ocupava uma área de 200 m², depois do refeitório I (Self). Nesse período, era visível o problema de espaço, a hora do almoço, facto que levou a 17 de Novembro de 2008 a inauguração do Complexo Colmeia II com uma capacidade de 3000 estudantes numa área de aproximadamente 7240 m² da parte interna e 8512 m² da parte externa (Departamento de Alimentação, 2010).

Para Fidalgo (2002), o planeamento do menu para os estudantes obedece a aspectos técnicos, como a composição química dos alimentos, a compatibilidade entre os ingredientes, como forma a atender as necessidades nutricionais, apresentando refeições saborosas e agradáveis ao paladar dos indivíduos. Além disso, considera o aspecto do prato, a combinação e a consistência dos alimentos, pois esses exercem influência na aceitação dos alimentos oferecidos e a consequente adesão aos serviços de alimentação pelos estudantes.

Os dados foram colectados de forma qualitativa Segundo Minayo (1994), a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares, ela se preocupa nas ciências sociais, com um nível de realidade que não ser quantificada, trabalhando assim com significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes. Ela não emprega instrumentos estatísticos como base do processo de análise de um problema ou para entender um fenómeno social.

Para Barbosa (2003), o método qualitativo sobre alimentação, possibilita ir a investigação do que se consome, entrando no campo dos significados para compreender como o consumo se conota com outras esferas da vida social.

A nossa pesquisa é descritiva, porque visa descrever as características de um fenómeno como a Representação Social da alimentação, e os hábitos alimentares dos estudantes da Universidade Eduardo Mondlane.

Para Mattar (1999), a pesquisa descritiva é utilizada quando o propósito é descrever as características de um grupo estimar a proporção de elementos em uma população específica que tenham determinadas características ou comportamentos e também para descobrir a existência de relação entre variáveis.

4.2. Método

Em termos de procedimentos metodológicos a realização deste trabalho decorreu em quatro (4) fases a tomar em conta nomeadamente (1) Revisão bibliográfica e documental, (2) Recolha de informação ou Trabalho de Campo, (3) Análise e discussão de Resultados e (4) Elaboração do Relatório Final.

Relativamente a Revisão bibliográfica, fizemos uma consulta a bibliografia acessível e tornada pública em relação ao comportamento alimentar, desde publicações avulsas, monografias, dissertações e teses, boletins, jornais, revistas, livros, e ainda consulta à Internet.

Na Revisão bibliográfica, fizemos um levantamento nas bibliotecas da UEM, MMAS (Ministério da Mulher e Acção Social), MADER (Ministério da Agricultura e Desenvolvimento Rural) e ONG's (Organizações Não Governamentais) que trabalham no ramo alimentar através de relatórios, estudos e artigos.

A segunda fase, que é a Recolha de Informação ou Trabalho de Campo, fizemos entrevistas²² não estruturadas, dirigidas a estudantes de diferentes cursos, níveis, sexos, idades e região de origem. O acesso aos estudantes foi através do Departamento de Alojamento, responsável pelas residências, contudo não nos baseamos nas listas, facto que resultou em entrevistas de forma aleatória. Em seguida foi realizada a observação sistemática que consistiu na verificação da frequência destes ao refeitório e por fim conversamos com estudantes.

Levamos a cabo entrevistas com perguntas abertas e fechadas para permitir que o estudante tivesse a liberdade para desenvolver cada questão em qualquer direcção que considera-se adequada e incitar o pesquisado a relatar seus hábitos alimentares.

As entrevistas foram feitas a cinquenta estudantes entre antigos residentes e novos ingressos. Aos novos ingressos para compreendermos as suas expectativas em relação a situação real da alimentação e seus hábitos familiares. Aos antigos devido a sua

²² um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional.)

familiarização com o tipo de alimentação. A nossa análise qualitativa nos permitiu compreender o nível de frequência e de satisfação dos estudantes, para uma análise da situação actual e real dos serviços de alimentação onde identificamos cinco perfis entre os estudantes.

O guião de entrevista teve como base o contexto universitário, adequando o modelo das representações dos factores que influenciam o comportamento alimentar dos estudantes, como veremos a seguir, e que serão melhor discriminados no capítulo da análise dos resultados: Segundo Minayo (1994) A entrevista é o procedimento mais usual no trabalho de campo para realização de uma pesquisa qualitativa.

A Observação e a Conversa foram realizadas durante as horas das refeições num período de trinta dias, como já nos referimos, com vista a apurar a frequência dos estudantes ao refeitório e também na tentativa de estabelecer a relação entre o período em que são servidas as refeições e a hora do início das aulas. Julgamos esta fase importante, porque permitiu compreender a viabilidade do horário praticado no refeitório, e o início/fim das aulas. E foi ainda com as conversas que procuramos conhecer os hábitos alimentares dos estudantes, o tipo de alimentos em cada região do país e a sua inclusão na elaboração do menu. Importa realçar que os estudantes não se identificaram pelos nomes porque segundo eles temem represálias.

A terceira fase da realização deste trabalho consistiu na Análise e Discussão dos dados colhidos durante a fase anterior. Uma discussão feita com base no alcance dos objectivos delimitados.

E por fim a quarta fase que consistiu na Elaboração do Relatório Final feita através da ordenação coerente de toda a informação teórica e prática revista, colhida, analisada e discutida durante as fases deste trabalho e devidamente mencionada anteriormente neste capítulo.

CAPÍTULO V

5.1. Apresentação dos resultados da pesquisa

A análise dos resultados foi realizada com base na técnica de análise de conteúdo que utiliza artifícios sistemáticos e objectivos da descrição de conteúdo das mensagens, tendo em conta os aspectos que estruturaram o nosso guião de entrevistas pois, constituíram o suporte do trabalho como um todo para o alcance dos nossos objectivos, nomeadamente:

Segundo Bardin (1977) Os artifícios sistemáticos é um conjunto de técnicas de análise das comunicações objectivando alcançar por procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição de conteúdo de mensagens, indicadores que permeiam a inferência de conhecimento relativo às variáveis inferidas destas mensagens.

No que concerne as representações sociais que os estudantes têm sobre alimentação, constatámos por um lado que alimentação é vista pela sua função biológica, na medida em que constitui tudo o que se come para dar força e energia ao organismo para o exercício das actividades diárias.

Por outro lado alimentação desempenha uma função social numa determinada sociedade, comunidade ou grupo de indivíduos, pois, representa símbolo de união entre os indivíduos, onde partilham os seus hábitos, valores, normas no meio social em que estão inseridos, contudo esta visão é influenciada pelos seus valores socioculturais.

5.2. Situação geo-espacial do refeitório do Campus

O Refeitório do Campus localiza-se na cidade de Maputo, no prolongamento da rua da França no Campus da UEM, junto ás residências 6,7 e 9. Ocupa uma área de 7.240 metros quadrados na parte interna e 8.512 metros quadrados na parte externa e tem uma capacidade para 3000 estudantes.

Segundo dados do Departamento de Alimentação, este refeitório fornece por dia cerca de 1500 refeições, e é frequentado por estudantes de todas regiões do país.

O refeitório possui mesas e cadeiras e as refeições são servidas por funcionários.

Esta forma de servir não dá liberdade para cada estudante servir-se, o que faz com que não tenham oportunidade de escolha do que comer e a quantidade da comida. A refeição é

servida mediante troca de uma senha que se adquire num local do refeitório onde funciona uma caixa, posteriormente é apresentada a um outro funcionário na porta que dá acesso ao refeitório, num sistema controlado pelo agente de segurança do local.

5.3. Perfil sócio-demográfico dos estudantes

A UEM, é uma Universidade de carácter nacional, porque é frequentada por estudantes de todo o País. Os nossos, entrevistados são provenientes das regiões norte, centro e sul do País dos quais 30 são do sexo masculino e 20 do sexo feminino, divididos em vários cursos com idades que variam entre 19 e 27 anos, segundo os dados a seguir: Maputo-01; Manica-10; Tete-04; Inhambane-01; Cabo Delgado-04; Nampula-06; Gaza-04; Niassa-03; Zambézia-17.

As nossas entrevistas foram feitas de forma aleatória, e os nossos entrevistados estavam constituídos segundo os seguintes cursos: Agronomia (2); Direito (8); Geografia (3); Português (1); Psicologia (5); Antropologia (5); Linguística e Literatura (4); Sociologia (7); Educação ambiental (2); Informática (1); História (1); Economia e Contabilidade (4); Administração Pública (2); Ciência Política (2); Biologia (1); Meteorologia (1).

Os nossos entrevistados comunicam-se através da língua portuguesa, embora usem os seus dialectos. Em relação às residências universitárias, o alojamento destes não obedece critérios de origem, salvo casos excepcionais em que os estudantes pedem por motivo de curso.

Sobre alimentação nas suas zonas de origem, os nossos entrevistados responderam que varia de região para região, principalmente o modo de preparar, por exemplo as folhas de mandioca são chamadas de mucuani em Quelimane e em Maputo, Gaza chama-se matapa. Enquanto em Quelimane se prepara com coco, em Maputo usam para além de coco o amendoim.

Os estudantes com direito alimentação são os que têm bolsa completa e que apresentam os princípios como: A carência económica e financeira do estudante, declaração comprovativa do agregado familiar e sua ocupação profissional; declaração comprovativa do rendimento de cada membro do agregado familiar que trabalhe a favor de outrem ou, nos casos de auto-emprego ou conta-própria, declaração de rendimento médio mensal ou anual; Com base

nesses indicadores sociais²³, o estudante é considerado necessitado para poder continuar com os seus estudos.

Segundo os nossos entrevistados, os seus agregados familiares são na sua maioria composta por 5 pessoas e vivem em situações de pobreza porque nelas apenas uma pessoa tem rendimento e não é suficiente para satisfazer as necessidades básicas como alimentação, saúde e educação. Ainda segundo os nossos entrevistados o rendimento é proveniente de trabalho por conta própria (carpintaria, olaria, criação e venda de animais).

Encontramos no seio de estudantes aqueles que entraram nas residências em situações de vulnerabilidade mas que ao longo do tempo foram adquirindo alguns bens como televisores, geleiras, microundas, computadores e que entram em conflito com os princípios que regulamentam os beneficiários de bolsa. Quando perguntamos como têm aqueles bens quando se declararam carentes, os nossos entrevistados responderam que foram adquirindo com alguns incentivos das acessórias que prestam nas escolas e outras pessoas interessadas, mas também algum apoio dos seus familiares.

Depois de apresentadas as características dos nossos entrevistados e sua relação com a alimentação, sobretudo o comportamento alimentar, vamos agora analisar os serviços de alimentação no Refeitório, para em seguida encontrar as possíveis representações da alimentação e sua relação com o comportamento dos estudantes.

5.4. O processo alimentar no refeitório do Campus da UEM.

Em conversa com os funcionários do refeitório dos estudantes, a comida tradicional moçambicana é composta por um número diversificado de pratos com destaque a pratos da região sul, *a matapa, cacana, xiguinha, nhangana entre outros* (em Maputo). Para além dos pratos atrás referenciados, podemos encontrar nas outras regiões (centro e norte) vários outros pratos nomeadamente: *Caril de amendoim com peixe, Tihove, arroz de coco, doce de mandioca* (em Gaza e Inhamabane); *Micate, banana guisada com côco, matapa de abóbora, tripas de cabrito (ngongwe), Yogurte de malambe, maçanica* (em Manica, Sofala

²³ Os indicadores sociais são medidas usadas para permitir a operacionalização de um conceito abstrato ou de uma demanda de interesse programático. Os indicadores apontam, indicam, aproximam, traduzem em termos operacionais as dimensões sociais de interesse definidas a partir de escolhas teóricas ou políticas realizadas anteriormente (Revista do Serviço Público Brasília 56 (2): 137-160 Abr/Jun 2005)

e Tete); *arroz de côco, com feijão holoko, limino de peixe, tocossado de peixe, frango á zambezina* (em Niassa, Cabo Delgado e Zambézia).

Com a civilização e a globalização, busca-se substituir/acabar gradualmente com a cultura, nota-se uma crescente perda de valores ligados aos costumes, sendo cada vez mais generalizada a ideia de que a comida preparada à base de óleo é melhor e tem mais valor do que as “comidas á base de verduras” tradicionais (*a matapa, a cacana, xiguinha, xinguinhonguana, macoufo, nhangana, mucuani, etc*), geralmente associada a ideia de pobreza.

Hoje comer bem, nas diferentes classes sociais significa: Para os pobres, ter pelo menos pão, peixe, farinha de milho que podem ser intercalados com pratos á bese de verduras; para a classe média, consumir com regularidade batata inglesa, arroz , frango e carne; Na classe alta consumir com regularidade, frequência e quantidade, para além dos produtos da classe média a lagosta e o camarão.

Esta forma de ser, pensar e agir é comum no refeitório estudantil, pois encontramos estudantes que vão ao refeitório quando se trata de datas festivas, porque se prepara carne ou frango. Importa salientar que a cozinha aplicada aos estudantes é de tipo colectiva, daí a necessidade de maior coesão e não um comportamento que periga a vida social em comunidade.

Segundo (Oliveira e Théband-Mony, 1997), geralmente a questão da promoção de acesso à alimentação trata a questão de acordo com a produção, dando poca importância às mudanças alimentares, às percepções às representações e às práticas associadas à alimentação

Tendo em conta o quadro histórico e as transformações que se operam nos indivíduos, é difícil prever em que medida essa mudança dos hábitos alimentares deve consolidar-se pois para além da transformação dos hábitos alimentares, alguns aspectos culturais associados aos alimentos permanecem na consciência e prática alimentar dos indivíduos. É o caso da valorização da comida para evocação dos antepassados, que não muda nem mesmo nas grandes cidades. Assim para minimizar é necessário uma educação alimentar de toda

sociedade, para o significado social da alimentação que o de reunir os indivíduos e manter a coesão, proporcionando uma alimentação colectiva²⁴

Segundo percebemos a alimentação dos estudantes é com base num menu previamente estabelecido com uma diversificação de pratos, contudo há falta de cumprimento do mesmo, falta de comunicação em caso de alteração de um prato do dia e muitas vezes não há reposição do mesmo. Este aspecto faz com que os estudantes não vão ao refeitório principalmente quando se trata de feijão.

Para além de troca do menu, os nossos entrevistados disseram que no menu não constam pratos tradicionais que sejam até de carácter nacional embora com diferença no modo de preparo

(ex: folha de mandioca), que podia cativar a frequência dos estudantes e uma forma de se lembrarem da origem, o respeito pela cultura e os hábitos alimentares tradicionais.

²⁴ Aquela que pode ser passada for a da família, preparada e servida em locais próprios (restaurantes, refitórios, etc) e destina-se a muitas pessoas (Ferreira, 1983)

CAPÍTULO VI

6.1. Percepções e representações sociais dos estudantes sobre alimentação

Depois de apresentarmos o historial da alimentação e como os estudantes olham para ela no refeitório, vamos neste ponto, discutir os resultados que obtivemos interpretando e analisando-os tendo em conta as propostas teóricas e os conceitos da sociologia da família que nos propusémos.

As percepções sociais são aqui entendidas por, a maneira como os indivíduos percebem os significados e os valores das coisas enquanto membros de uma sociedade, percepções sociais não devem ser vistas desligadas do contexto em que ocorrem, pois acontecem em contextos marcados por diferenças sociais, económicas e individuais. Isso permite a coexistência de concepções distintas em momentos e sociedade distintas ou dentro de uma mesma sociedade (Sousa e Oliveira, 2002).

Para isso, recorreremos ao instrumento de observação através de conversas com objectivo de captar expressões dos estudantes, ou seja, as suas próprias concepções sobre a alimentação, quer em função das suas origens, seu estoque de conhecimento, classe a que pertencem, o meio ou contexto social em que estão inseridos, aliado também as suas experiências profissionais pelo facto de a realização das suas actividades escolares estar ligada a alimentação. Sendo assim, para este grupo social a alimentação passa a constituir um facto conveniente no seu dia a dia.

Alguns dos nossos entrevistados disseram que já ouviram falar sobre a comida nos refeitórios da UEM, através dos estudantes que por lá passaram, e devido algumas greves que tinham como causa a qualidade da comida, *porque era mal cozida, tinha soda, provoca sono e cansaço, não mata fome, tem alguns resíduos como pedrinhas, muito sal, não há higiene, exige muito tempo de espera*. Apesar desses significados, os nossos interlocutores disseram que as representações sobre a alimentação são as seguintes:

- 1) Um elemento cultural e da identidade dos indivíduos;
- 2) Um meio de comunicação;
- 3) Perigosa para a saúde;

As conversas que tivemos com os nossos entrevistados permitem-nos dizer que maior parte das informações sobre alimentação são obtidas durante as interações e consultas sobre a UEM, como demonstram os seguintes depoimentos:

“Eu não como comida com sal, até tenho receita médica, mas ali no refeitório não olham para essa situação. Tenho um amigo que terminou o curso no ano antepassado, disse que faziam comida a parte para ele porque a comida geral tinha muito sal”.

(Estudante, linguística, 21 anos, Nhamatanda)

“ Quando vou ao hospital, perguntam como é que eu me alimento e dizem para ter cuidado com a minha dieta, porque apresento sinais de gastrite. Isso me leva a concluir que a comida do refeitório é de facto mal preparada. Se não reparar: Em casa quando voce come ao almoço fica até a hora do jantar porque não há hábito de lanche, mas sente-se bem. mas as vezes no refeitório o menú vem carne, mas sem avisar e você preparado para comer carne, mas vão servir feijão e mal feito, isso desconforta o estudante e afecta a moral ” (Estudante, Física, 19 anos, 1º ano, Gurúe) ”.

Num outro desenvolvimento do nosso tema, alguns entrevistados falaram sobre o comportamento que os estudantes adquirem no meio das suas relações quotidianas e que os leva a tomarem uma decisão conjunta, quando o assunto é sobre a comida, o que lhes obriga a prepararem suas próprias refeições. Se todos olham a comida de igual forma e porque as representações sociais são socialmente elaboradas e compartilhadas, contribuem para a construção de uma realidade comum, e possibilitam a comunicação entre os indivíduos.

Ao falarmos das representações sociais dos estudantes sobre alimentação somos levados a reflectir como eles encaram ou concebem a alimentação, e são essas que, depois de interiorizadas, mantêm um determinado comportamento social.

Assim, os nossos entrevistados concebem a alimentação de diversas formas segundo o seu processo de socialização:

Essa forma de dar significado a alimentação servida no refeitório estudantil, resulta de factores sociais e culturais associados as relações sociais no seio da comunidade dos

estudantes. Iremos perceber adiante como cada representação ou significado que se dá a alimentação, influencia no comportamento de dia a dia dos estudantes.

“Sei que a alimentação fortalece muito tanto na parte digestiva, orgânica e também concentra as pessoas, mas é preciso ter consciência para poder ter a disciplina na alimentação. Tem épocas que como muita verdura e épocas que comemos mariscos ou feijão. Embora nada me faça bem mas agente come”

(Estudante, Economia, 22 anos, 3º ano, Boane).

Ademais, constatamos que, para todos estudantes entrevistados, a alimentação constitui um problema, porque contribui para o mal estar, e algumas vezes resulta em doenças na medida em que existem estudantes que não podem comer certa comida, ou porque tem muito sal, ou devido a certas práticas, ou por recomendação médica não deve comer. Assim, torna-se necessário respeitar os hábitos alimentares fazendo pratos alternativos. Esta forma já foi prática mas que deixou de ser.

6.1.1. Alimentação como elemento cultural e da identidade dos estudantes

As tradições alimentares e gastronômicas são extremamente sensíveis às mudanças, à imitação e às influências externas. Cada tradição é o fruto – sempre provisório – de uma série de inovações e das adaptações que estas provocaram na cultura que as acolheu Montanari (2009)

É facto para se dizer que a comida serviu e serve de impulso às grandes transformações sociais ao longo da história. A disponibilidade e variedade de produtos, a sua qualidade ou mesmo a sua carência determinaram significativos movimentos envolvendo diferentes trocas culturais, o que repercutiu na formação das mais distintas identidades alimentares.

Cada cultura define suas práticas alimentares, onde são estabelecidos os critérios que determinam quais os alimentos que podem ser consumidos e os que não servem para o ser humano, por meio de representações sociais.

De acordo com os nos interlocutores os elementos que tornam alimentação um elemento cultural e identitário são:

- ✓ O sentar na mesa com indivíduos desconhecidos;
- ✓ O uso de material como faca e garfo;

- ✓ A existência de uma fila para o acesso ao refeitório;
- ✓ O ser servido com qualquer pessoa que não é da família.
- ✓ O hábito por um tipo de prato, típico da zona.

Para os estudantes cada indivíduo tem a sua forma de socialização. Alguns disseram que não estão habituados a comer com faca e garfo porque não era prática familiar, tendo o hábito de comer a mão. Em relação ao sentar-se à mesa, alguns disseram que na família quem come no mínimo na cadeira é o chefe da família, nesse caso o pai, e os outros membros sentam-se na esteira.

Os pratos típicos de uma região, identificam aquela região, daí que, o facto de não servirem os pratos tradicionais de uma determinada região, faz com que a comida tenha um outro significado. Os nossos entrevistados disseram que cada grupo se identifica com o prato típico da sua região, nisso vêm a necessidade de introdução de pratos tradicionais, como forma de massificar a presença dos estudantes no refeitório. Também permitiria a troca de culturas alimentares em resposta a heterogeneidade das culturas. Vejamos o extracto abaixo:

“ Eu sou de Inhambane mas já aprendi a comer peixe seco com Xima e isso é bom para mim porque um dia irei trabalhar fora do meu distrito e não me causará mal nenhum. As vezes nós temos nossas formas de ver o peixe seco porque não faz parte de uma determinada sociedade. Assim, não sinto prazer em come-lo. Julgo importante ponderar antes de praticarmos uma acção”

(Estudante, Sociologia, 21 anos, 2º ano, Inhambane)

Para (Berger e Luckmann, 1999) “a identidade de um indivíduo é maioritariamente formada durante o processo de socialização primária” .Através dela o indivíduo toma posse do *eu* e de um mundo objectivo, ou seja, é integrado a uma dada realidade e adquire conhecimento sobre o papel do *outro*, onde a linguagem é um dos principais mecanismos de comunicação. Enquanto na socialização secundária, o indivíduo é introduzido na sociedade já socializado.

Assim, no processo da socialização primária, os estudantes adquirem conhecimentos alimentares que lhes permitiram conviver no seu dia-a-dia. Esse conhecimento é fornecido por uma tradição cultural na qual se sentem seguros e constitui um símbolo que é materializado em outras instituições, com várias práticas.

A vida na Universidade é uma etapa da socialização secundária, onde os agentes sociais aprendem outros elementos socioculturais do seu meio, o processo de socialização torna possível a manutenção na sociedade e a transmissão da cultura entre os estudantes de geração em geração. A socialização é assim a interiorização das normas e valores sociais. Há continuidade e interpretação entre o individual e o colectivo, entre a pessoa e a sociedade, porém, é a socialização que permite encontrarmos no meio global as mesmas regras de conduta nas consciências individuais e nas instituições.

“Cada ano que passa a alimentação muda. Disseram que nos anos anteriores até serviam couve com amendoim, doses de galinha com batata, carne moída, e outras coisas, mas agora não. Eu como couve com amendoim mas aprendi com minha tia cá em Maputo. Acho que aqui há colegas que gostariam de aprender a come outro tipo de alimento de outra outras regiões, assim como os de Maputo podem comer cara cata, e é boa comida”

(Estudante, Administração. Pública, Angónia)

“Sabe, nesta Universidade existe estudantes de todo País, penso que é lugar para troca de culturas, tradições, línguas, inclusive saber fazer algo de outra província, porque aqui somos irmãos” (Estudante, Antropologia, 3º ano, Manica)

“. Tenho um sistema de comer. Às vezes até me dá fome, mas eu... porque o organismo vai se adaptando. Então eu acho que para o funcionamento regular do teu organismo, você tem que ter equilíbrio, uma disciplina alimentar. (...) Se você tiver um pouco de consciência de alimentação, você vai procurar se adequar a esse ambiente da melhor forma possível”. (Universitário, Biologia, 3º ano, Quelimane)

No entanto, a representação social tem o papel de formar condutas, modelar o comportamento e justificar sua expressão. E, contudo, o comportamento dos estudantes, perante o fenómeno alimentação, é justificado pelo conhecimento e imagens que eles partilham com a sociedade ou o grupo a que pertencem, no seu dia-a-dia. De salientar, que a representação social prepara os estudantes para a acção, tanto por conduzir o seu comportamento, como por modificar e reconstituir os elementos do seu meio ambiente que o comportamento deve ter lugar.

Existem papéis e responsabilidades, normalmente estipulados e aceites pela sociedade, de repasse desses conhecimentos, normalmente associados a alguns símbolos ou ritos cabendo destacar que toda a transmissão de significado implica em procedimentos de controlo e legitimação.

Os indivíduos escolhem aspectos do mundo social de acordo com a posição que ocupam na estrutura social e também com base nas aspirações individuais que tem fundamento na sua biografia. Com isto, os tais problemas por si vividos no contexto familiar foram marcantes em suas mentes. Sendo assim, o comportamento familiar foi se sedimentando nelas, na formação do seu *super-ego*, formando por conseguinte certas imagens ou representações sobre a alimentação (Berger e Luckmann 1978),

Assim, além das questões propriamente alimentares, as crenças relacionadas ao alimento, a comensalidade e as funções sociais relacionadas à refeição também podem ser apontadas como constituintes identitários. Dentre alguns exemplos históricos nesta direcção, destacamos as viagens feitas pelos mercadores que escalaram a costa Moçambicana durante as trocas comerciais no periodo da colonização nas quais a comida já aparecia como base do nosso processo identitário, evidenciado sobretudo nos modos de preparo do alimento e no seu consumo.

As tradições alimentares e gastronômicas são extremamente sensíveis às mudanças, à imitação e às influências externas. Cada tradição é o fruto – sempre provisório – de uma série de inovações e das adaptações que estas provocaram na cultura que as acolheu. (Montanari, 2009)

É facto para se dizer que a comida serviu e serve de impulso às grandes transformações sociais ao longo da história. A disponibilidade e variedade de produtos, a sua qualidade ou mesmo a sua carência determinaram significativos movimentos envolvendo diferentes trocas culturais, o que repercutiu na formação das mais distintas identidades alimentares.

6.1.2. Alimentação como meio de comunicação no seio da comunidade estudantil

A comida pode ser vista como um importante meio para se comunicar valores, sentidos e normas. Comer é um acto simbólico que não se limita à necessidade de se suprir nutrientes. As profundas transformações em nível global vêm alterando profundamente os padrões alimentares; a intensificação das trocas culturais, reconfiguração dos repertórios alimentares, bem como o seu consumo.

Para alguns do nossos entrevistados a alimentação representa um elemento-chave e como um meio de comunicação na medida em que:

- ✓ Permite o conhecimento e aprendizagem entre actores que partilham o mesmo espaço social e alimentar;
- ✓ Troca de informações sobre modos de preparo e consumo de determinados alimentos;
- ✓ Durante a refeição numa mesa por exemplo os indivíduos deixam de lado alguns preconceitos sobre o que se come e como se come, podendo reinar um ambiente de conformismo e debate de vários assuntos.

Se, por um lado, as representações sociais contribuem para orientação e formação de condutas e comunicações sociais, por outro lado, expressam a interpretação da realidade social. ao mesmo tempo, instrumento e produto dessa comunicação, ou seja, geram e simultaneamente são geradas como nos disseram alguns estudantes:

A vida nas residências universitárias pressupõe uma ordem e coloca uma multiplicidade de indivíduos possuidores de carências e características próprias, uns perante os outros, cada um deles actuando no estilo em que verem satisfeitas as suas necessidades. A acção individual em função dos impulsos e motivações, cria antagonismos nas condutas dificultando a vida em grupo, pois a vida em grupo manifesta-se pela existência de regras, normas exteriores aos indivíduos, que se lhe impõe, dando-lhe a conhecer como o indivíduo deverá se comportar de modo a ser reconhecido como membro do grupo. Daí que essas normas funcionam como suporte da coesão social.

Assim, para os nossos entrevistados a alimentação é um meio de comunicação na medida em que ela transmite a informação de uma determinada região em termos alimentares, ou seja, o alimento representa os valores de uma determinada região ou sociedade.

Referindo-se ao alimento como meio de comunicação os nossos entrevistados referiram-se nos seguintes termos:

“ Os do norte devem comer na mesma mesa com os centro ou sul, porque somos todos moçambicanos e aproveitamos conversar sobre assunto do Pa”is como académicos. Se um do centro não conhece cacana vai aprender como se prepara com alguém que conhece porque cada prato representa uma região, assim como a cacana por exemplo é prato do sul de Moçambique, “ (Estudante, Geografia, 2º ano, Montepuez).

A comunicação por meio da alimentação, também é marcada por uma multiplicidade de aspectos. Destaca-se aí a relevância dos hábitos alimentares, uma vez que eles podem revelar nossa identidade, religião, posição social, entre outros. A produção de sentidos relacionada à alimentação também é estendida à maneira como ela é consumida: se é ingerida com as mãos ou se são utilizados talheres, se é individual ou em grupo, em silêncio ou conversando, se no refeitório ou no restaurante.

Para Lévi-Strauss (1979), se os meios de comunicação processam e transmitem formas simbólicas a partir de sua linguagem específica a comida também como um meio de comunicação, está circunscrita a uma linguagem.

Ainda de acordo com o autor que temos vindo a citar, a cozinha, enquanto prática comum a todas as sociedades, é a detentora do processo de articulação entre natureza e cultura, a partir da transformação do cru no cozido. Na a sua análise, Lévi-Strauss propõe o triângulo culinário como demarcação de um campo semântico, no qual se reproduzem as diferentes relações que compõem a estrutura social de uma sociedade.

Explorando o mesmo princípio, Montanari (2008) sustenta que em todas as sociedades o modo de comer é regado por convenções semelhantes àquelas que dão sentido e estabilidade às linguagens verbais. O conjunto dessas convenções determinariam uma gramática, o que, portanto, configuraria o sistema alimentar, não como uma simples soma

de produtos e comidas, reunidos de modo mais ou menos causal, mas como uma estrutura na qual cada elemento define o seu significado.

Essa teoria, além de viabilizar uma apreensão da produção de sentidos relacionada ao alimento, possibilita entender a maneira pela qual os diferentes sistemas alimentares se tornam depositários de determinadas identidades.

Conforme as questões abordadas, é certo que o acto de comer ultrapassa as necessidades biológicas. É um acto que se estende a um universo bem mais amplo, como da produção de sentidos e da possibilidade de comunicar identidades e valores: a comida pode ser apreendida como um meio de comunicação como disseram esses estudantes:

“Frequento o refeitório com regularidade porque aproveito conhecer e trocar experiências com colegas de outras regiões do País. Já aprendi muito, principalmente sobre os hábitos alimentares da zona sul. Já experimentei cacana lá fora com uma amiga.”

(Universitária, 19 anos, direito, 3º ano, Pemba)

“ Nunca fui lá porque a o ambiente é conturbado e de muita gente, mas converso com alguns colegas sobre o tipo de prato de gosta de comer e se opta por pratos da zona.”

(Universitária, 19 anos, A. Pública, 3º ano, Manica)

O processo alimentar constitui assim o meio de comunicação onde as pessoas vivem, porém com mais proximidade, como grupos de referência, família, incluindo-se aí os papéis e posições sociais. Os grupos de referência compreendem todos aqueles que têm influência directa ou indirecta sobre as atitudes ou comportamentos da pessoa. Os grupos que têm influência directa sobre uma pessoa são denominados grupos de afinidade (família, amigos, vizinhos e colegas de trabalho).

O Refeitório Universitário passou de simples empreendimento para um “recipiente no qual uma variedade de apetites e desejos são cultivados e onde os processos de gerar novas experiências sociais estão constantemente sendo construídos”. O refeitório revela as interdependências entre as pessoas e suas situações socioeconómicas e culturais, desta maneira, se transforma em palco onde o estudante se diverte e actua para obter vantagem social, e pode fingir ser a personagem que desejar, sem receio de ser descoberto.

O refeitório dos estudante deve ser exemplo de ambientes de comunicação nos quais se aprendem formas de comportamento com estilo e onde se busca associação a grupos. O gosto alimentar, ao que parece, não constitui uma expressão da preferência individual, mas, sim, um indicador do desejo de aceitação social.

Há uma tendência por parte dos estudantes de naturalizar a alimentação, servida no refeitório. Esta naturalização, é suportada pelos valores socioculturais dos mesmos, valores esses que permitem olhar para a alimentação como sendo algo que sempre existiu para a vida dos indivíduos.

Os estudantes através das suas percepções naturalizadas sobre alimentação desde a socialização primária, ou seja, guiados pelo seu contexto social, olham a alimentação servida no refeitório como inadequada para o seu consumo pois, para eles, não é preparada com base na situação social de cada estudante, facto que faz com que alguns dos estudantes optem por não frequentar o refeitório.

Existe uma linguagem que lhes fornece continuamente as necessárias objectivações e determina a ordem em que estas adquirem sentido e na qual a vida quotidiana ganha sentido para eles. De forma geral, os estudantes vivem num mundo socialmente determinado e usam instrumentos fornecidos por essa sociedade para fazer face a qualquer problema que lhes surge no seu dia-a-dia. Assim, as representações sociais levam os indivíduos a produzir comportamentos e interacções com o meio, acções que, sem dúvida, modificam as suas relações.

Na alimentação familiar os alimentos servidos, em geral, são determinados pela família, e transmitem um determinado valor pois é feita no seio dos membros que a compõem. Quando os pais realizam a refeição com os filhos, cria-se uma atmosfera de comunicação positiva, os pais servem como um modelo de comunicação para o comportamento alimentar dos seus filhos, como dizia o nosso entrevistado:

“ Eu vivia com os meus pais, daí que todos comíamos ao mesmo tempo. Agora também gostaria de comer e partilhar esta experiência com outros colegas, mas aquela comida não ” (Estudante, Engenharia, 23 anos, 2º ano, Niassa)

“ Eu almoço no refeitório, mas por exemplo Xima, habituei comer a mão, ali não porque não nos deixam ” (Estudante, Antropologia, 1º ano, 20 anos, Zambézia)

As escolhas dos alimentos são formadas pelos sistemas de socialização culturais, e limitadas pela contingência do ambiente físico e social. As refeições representam um importante evento nas interações familiares, com estruturas temporais e que possuem um grande significado.

6.1.3. A Alimentação como um perigo á saúde dos estudantes

A Saúde dos estudantes de modo geral é considerada como sendo de bem-estar físico, mental e social, contudo não significa ausência de doenças. Neste ponto, pretendemos abordar a imagem que os nossos entrevistados têm sobre a alimentação na componente de saúde e higiene.

Os estudantes consideram que não frequentam o refeitório porque a alimentação é contaminada facto que constitui preocupação dos estudantes, da saúde pública Assim, segundo os nossos interlocutores há necessidade de garantir a higiene no processo de preparação e distribuição dos alimentos se tivermos em conta, que a saúde está directa ou indirectamente ligada a um conjunto de regras que devem ser respeitadas nesse processo.

Ao longo do nosso trabalho, analisamos a componente de saúde por termos verificado que os nossos entrevistados apontaram os seguintes elementos representativos da alimentação:

- ✓ O uso de elemento químico como soda na comida;
- ✓ Existência de pedrinhas, cabelos e elementos inadequados ao consumo humano;
- ✓ Falta de uniforme dos funcionários;
- ✓ Fraca higiene do pessoal ligada a distribuição de alimentos, apresentando cabelos e barba compridos.

No processo de preparação de alimentos, pode ocorrer uma mistura dos produtos alimentares com produtos químicos associados às características das próprias matérias-primas, ou introduzidos e criados durante o processo de manipulação e confeccionamento” Exemplo: o uso de aditivos alimentares em concentrações excessivas (corantes, conservadores); pesticidas; químicos criados pelo óleo de fritura, ou introduzidos durante o processo tais como produtos de limpeza)

Perante esses elementos os nossos entrevistados referiram-se das consequências desses elementos como sono logo a seguir a refeição, má disposição, não assasseio, doença como a gastrite, porém devido a sua condição não tem outra alternativa, da a não frequência de outros estudantes no mesmo o refeitório.

A questão de higiene é fundamental para o ser humano e para o caso em análise, a contaminação alimentar a partir dos que preparam e servem as refeições, tendo em conta que a sua fonte, que pode ser através de: farda suja, cabelo, mãos, unhas sujas, ferimentos, tosse, infecções da boca e nariz e uso de adornos. Constatamos porém, que o fardamento não é suficiente para os funcionários, o que não permite a troca do mesmo. Essas situações influenciam no comportamento alimentar dos estudantes de acordo com os relatos abaixo:

“ A higiene é muito má, porque a comida é mal preparada, não faz bem a saúde e tem soda” (Estudante, 19 anos, 3º ano, Administ. Pública, sexo feminino, Manica)

“ É razoável porque é bonita por fora mas no interior é um desastre”

(Estudante, 25 anos, 2º ano, Agronomia, Zambézia).

“ A qualidade da alimentação é má, porque não coze e no caril põem muita água”

(Estudante, 24 anos, 3º ano, Antropologia, Quelimane).

“ A alimentação é mal confeccionada, existe excesso de produtos químicos e mau atendimento” (Estudante, 18 anos, 1º ano, Direito, Zambézia).

Situar a alimentação com as representações ou percepções que se tem sobre a comida dos estudantes, permitiu perceber aspectos relacionados á saúde dos mesmos, sobre aquilo que indica a higiene alimentar, sobretudo às considerações feitas por eles, face ao preparo dos alimentos. No entanto, muito pode ser feito, ainda com o intuito de conhecer melhor como a higiene e saúde alimentares influenciam nas representações e o comportamento alimentar dos estudantes.

A preparação dos alimentos deve obedecer as regras de higiene e devem ser necessariamente bem-feitas, pois existe o risco de propagação de doenças como infecções alimentares, embora a notificação de doenças transmitidas por alimentos não são de alarmante notificação a nível dos estudantes.

Lima (2009), afirma que a saúde dos jovens universitários geralmente se encontra no ponto mais elevado da sua força, resistência, energia e também porque a maioria das funções corporais já está desenvolvida, o que faz com que raramente fiquem gravemente doentes ou incapacitados, Nessa fase a preocupação com a saúde é latente, pois depende mais do seu bom desempenho nos diversos aspectos da vida social.

Ainda de acordo com Lima (2009) “as modificações ao padrão alimentar pode interferir na formação física e social, bem como nas condições nutricionais e na vulnerabilidade biológica desse grupo, diante do exposto é importante ressaltar que o meio universitário oferece inaptações e riscos” Segundo os nossos entrevistados a falta de higiene da alimentação, desorienta o comportamento social dos estudantes, o que origina, o egoísmo, a exclusão social de uns e a inclusão de outros.

Assim, o não cumprimento das regras alimentares à própria alimentação, é vista como responsável de algumas doenças. Esse factor foi referenciado pelos estudantes, devido a doenças que afectam aquele espaço residencial, principalmente a gastrite e que segundo eles tem origem no processo de preparação e distribuição das refeições, devido a não observância das regras de higiene alimentar.

“Esta comida parece que tem droga porque cria sono e fome, até o que preocupa mais ao pessoal é problema de gastrite” (Estudante, geografia 21 anos, 3ºano, Niassa).

“Os pais (senhores que servem a comida) andam sujos e outros nem se quer têm uniforme, ou melhor, penso que tem pessoas jovens que podiam estar em frente, para dar outro ambiente.” (Estudante, Administração pública, 19 anos, 1ºano, Gaza)

Os actos da busca, da escolha, do consumo e proibições do uso de certos alimentos nos grupos sociais são ditados por regras sociais variadas, carregadas de significados. Aprender a especificidade das regras da sociedade, as quais precisam ser explicadas em cada contexto social é algo de extrema importância na medida em que o acto alimentar constitui uma forma de comunicação.

O alimento é algo representado, ou seja, é apreendido com significado cognitivo, pois nem tudo deve ser percebido e utilizado como alimento. Ademais, o comer para além de

satisfazer as necessidades biológicas, preenche também funções simbólicas e sociais, pois o é no acto alimentar em que se premeia todas as relações sociais de diferentes classes de uma mesma sociedade, apresentando uma dimensão cultural.

O meio social interfere na estrutura das refeições, pois uma experiência positiva durante uma refeição pode induzir a preferência dos indivíduos aos alimentos, ao passo que uma experiência sem prazer pode interferir negativamente na escolha dos alimentos.

Importa salientar que para suprir as carências alimentares, os estudantes servem-se de algumas estratégias, como a cozinha individual ou em grupo, através de pequenas contribuições. Essa forma de proceder é contrária as regras alimentares da instituição, pois todos estudantes devem usar o refeitório, para melhor se conhecerem e trocar suas experiências.

O cenário do refeitório é tido como contribuinte para que a expressão de sentimentos e emoções fiquem menos espontâneas, porém, ao criar ambientes com características menos informais, os estudantes podem-se envolver em experiências de refeições realmente satisfatórias.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como depreendemos, o comportamento dos estudantes está relacionado com a forma como cada estudante pensa e como esse pensamento pode interferir no processo de interação no seio do grupo tendo em conta as diferenças culturais no seio dos mesmos.

Argumentamos também ao longo do nosso trabalho que, a relação das representações sociais da alimentação e o comportamento dos estudantes estão em função dos valores socioculturais dos estudantes, facto esse que contribui para que essa forma de pensar, e de agir se manifeste, pois, durante o seu processo de socialização primária, interiorizaram valores, crenças, normas que estruturam o seu pensamento e, é através destes elementos que percebem os fenómenos, como é a alimentação, sua qualidade, higiene, composição do menu, etc.

Nossa hipótese foi de que os estudantes constroem representações sobre alimentação a partir das suas origens socio culturais, os hábitos alimentares e que influenciam no seu comportamento. Tais representações legitimam o saber nutricional como responsável pela política de intervenção que arbitra sobre quais alimentos são mais indicados para o grupo em questão e como devem ser feitos.

Para identificar os valores que se conjugam aos valores normativos da saúde e da nutrição buscamos responder qual o significado da “alimentação escolar” e dos termos a ela relacionados para nutricionista e estudantes. Nosso objectivo foi destacar esses significados a partir de um conjunto de regras alimentares provenientes das classificações e representações sociais presentes nos ideais daqueles que lidam directamente com o programa de alimentação escolar na DSS.

Para isso foi preciso conhecer qual é, para os estudantes, o significado da alimentação escolar; o que é uma “alimentação saudável”; o que são os “bons hábitos alimentares”; quais os hábitos que se quer formar e quais “bons hábitos” estão sendo formados; o que é uma “alimentação de qualidade”; qual o sentido de qualidade que estão se referindo; qual a percepção dos estudantes sobre a alimentação escolar, introduzimos um debate sobre o “gosto” da comida servida no refeitório. Por intermédio dos depoimentos colectados e das representações sociais percebidas, compreendemos quais valores informam à prática dos

sujeitos envolvidos na formulação e na execução do programa alimentar na DSS (Nutricionista, Gestor).

Concluimos que a alimentação oferecida aos estudantes é ao mesmo tempo influenciada por valores ligados à saúde, como uma característica não só relativa ao campo da nutrição, mas também presente no comportamento alimentar do consumidor moderno, reforça símbolos de uma alimentação relacionada à carência, à ausência e a necessidade, vinculadas a uma concepção assistencial. Tal situação produz uma alimentação voltada para atender às necessidades biológicas “do corpo” na qual há pouco espaço para escolhas culturais ligadas ao prazer que o paladar proporciona.

A partir desses argumentos algumas considerações podem ser feitas. Primeiramente, acreditamos que a concepção de que essa alimentação é feita para “*estudantes carentes*” ou para “*suprir necessidades,*” não beneficia necessariamente aqueles considerados em deficit nutricional, visto que é justamente essa concepção responsável por alguns dos problemas relacionados à qualidade dos alimentos em seus variados sentidos e situações. Isso ocorre na medida em que os formuladores e executores actuam norteados pela concepção de que o gosto desses estudantes é o “gosto da necessidade” e da comida “saudável”.

Em segundo lugar, consideramos que é também a relação dessa alimentação com a carência que produz a ideia de que a alimentação escolar deve ser forte.

A concepção de que os estudantes estão em estado de necessidade é o que justifica a intervenção que impede qualquer tipo de escolha, por parte deles, dos alimentos que querem comer. Portanto, a obrigação de comer tudo, mesmo aquilo que não gostam, no sentido mais amplo do gostar, faz com que muitos estudantes não comam toda a comida colocada no prato.

Em todos esses casos, eles mesmos se encarregavam de deitar parte do alimento desprezado no lixo. Conforme foi observado, isso ocorre por vários motivos: porque os estudantes não gostam do que é servido, porque querem ir a faculdade, porque não estão com fome para um tipo de comida, ou simplesmente porque a comida “*não tem tempero*”, está “*sem sal*” ou “*sem gosto*”.

Entretanto, não estamos defendendo a livre escolha dos estudantes aos alimentos, pois neles os alimentos estão dispostos de maneira desigual em termos de diversidade, havendo predominância de alimentos processados e industrializados. Com efeito, acreditamos que a adequação da alimentação depende de outros factores e não poderia ser perseguida somente por um caminho. Defendemos uma actuação mais assertiva do sector da alimentação, importantes espaços democráticos de participação e controle social para a adequação dos objectivos traçados pelo sector.

Entendemos que os estudantes provêm de vários estratos sociais da sociedade moçambicana onde existem diferenças sociais, culturais. Assim, a partir do comportamento dos estudantes é possível visualizar a interferência de factores sociais, culturais e até económicos na representação simbólica da alimentação que lhes é oferecida. Com este trabalho, pretendemos analisar uma predominância de aspectos simbólicos na aderência e aceitação dos serviços da alimentação. Nesse sentido, apesar de todo esforço louvável da razão nutricional em normalizar os hábitos alimentares dos estudantes, notamos que os factores acima mencionados determinam os modos de pensar e agir dos estudantes.

A questão de alimentação não se resume ao acto de ter comida e introduzi-la no nosso organismo, mas também na partilha de símbolos, valores, regras, normas, experiências como são o caso da alimentação familiar e nas comunidades, neste caso concreto na comunidade estudantil. Os debates sobre a alimentação no mundo e em Moçambique estão aliados à segurança alimentar, o que reflecte falta de estudos sobre este tema.

Constatamos também para a necessidade de diálogo entre aos estudantes sobre as suas práticas alimentares. Assim, entrarão em aspectos determinantes socioculturais (crenças, tabus, costumes, modos de preparo e conservação, questões de higiene pessoal, etc) factores ambientais e factores económicos que, discutidos em conjunto, apontarão caminhos para a superação dos problemas mencionados.

Entendemos sobretudo, na possibilidade de uma discussão acerca das práticas alimentares subjacente ao Programa alimentar da DSS, levando em consideração os elementos que caracterizam o universo alimentar dos estudantes bolseiros, e o que esses podem indicar como pontos positivos e negativos de suas práticas e aspirações. Assim, será possível

identificar de forma conjunta quais são os problemas que impedem que os objectivos do programa sejam alcançados, o que eles significam e o melhor modo de enfrentá-los, abordando aspectos importantes para o delineamento das políticas de alimentação e nutrição que não só àqueles ligados à economia e à nutrição.

Nesse sentido, espera-se que o presente estudo possa contribuir de alguma forma para o delineamento ou reformulação do Programa alimentar, com vista a promover a adequação do seu atendimento às características dos estudantes e, conseqüentemente, aumentar a sua aceitação.

Enquanto um estudo de um caso colectivo desenvolvendo a própria intervenção na óptica construtivista, este trabalho procurou captar as percepções dos estudantes face a alimentação no seu dia a dia e a preocupação de melhoria das qualidades de saúde alimentar.

O trabalho mostra que a atribuição de bolsa é regulada segundo o regulamento de bolsa e não outras formas que contrariam o mesmo. O local para passar refeições deve ser o refeitório, para permitir a coesão social dos estudantes, troca de opiniões, críticas ao processo alimentar com vista a melhoria das condições alimentares.

O conceito da Bósnia por parte dos estudantes, retrata um estágio de conflito que os estudantes encontram quando vão passar refeições, conflito devido a qualidade da alimentação, tratamento, higiene, entre outros factores. Assim, criam estratégias para poderem suprir as necessidades alimentares.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRIC, J. C. "Pratiques Sociales et représentations ", Paris: Presses universitaires de France, 1994.

ALVES, Sérgio. Revigorando a Cultura da Empresa: "*Uma abordagem cultural da mudança nas organizações na era da globalização*". Recife: CEPE, 1999.

ARRUDA, A. "*Viver é muito perigoso: A pesquisa em Representações Sociais no meio do rodamoinho*" In Coutinho, M. P. ET AL(Org.). *Representações Sociais: abordagem interdisciplinar*. João Pessoa: Ed. UFPB, 2003.

BARBOSA, L." *Marketing etnográfico. RAE*", Executivo, São Paulo, V. 2, n. 2, 2003.

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70 LDA, 1977.

BERGER, Peter; Luckmann, Thomas. "*A construção social da realidade*", Editora vozes, Rio de Janeiro, 1999

_____ "*A construção social da realidade*". Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

BIT (Bureau Internacional de Trabalho - Genebra, 1988)

BRAGA, M.G.R. *Família: maternidade e procriação assistida*. Psicologia em estudo, Maringa, 2005

BRANDÃO, Carlos, R. "*Plantar, colher, comer*", Rio de Janeiro: Graal, 1981.

CORCUFF, P. "*As novas sociologias: construções da realidade social*". Bauru, SP: EDUSC, 2001.

DA MATTA, R. "*Sobre comidas e mulheres...*" In: O que faz o Brasil, Brasil? Roco, Rio de Janeiro, 1986.

DANIEL, J. M. P, Cravo, V. Z. "*O valor social e cultural da alimentação*. Boletim de Antropologia, Curitiba, v.2. n..4, 1989.

DEMARTIS, Lúcia, "*Compêndio de Sociologia*", ed.70, Lda., Lisboa, Dezembro, 2006.

DOUGLAS, M. "*Deciphering a Meal e Self-evidence*". In: *Implicit Meanings*. London: Routledge & Kegan, 1975.

_____ *Pureza e Perigo*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976.

DUARTE, G.D; DIAS, J.M.M. *Responsabilidade social: a empresa hoje*. Rio de Janeiro: LTC, 1986.

DURKHEIM, Émile, "*As Regras do Método Sociológico*" São Paulo, Companhia Editora Nacional. 1978.

_____ "*Representações individuais e Representações colectivas*". In: *Sociologia e filosofia*, 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1970

_____. “*Individual and colective representations*”. In *Sociology and Philosophy*. Nova Yorque: Free Press, 1974.

DSS, Relatório anual do Departamento de alojamento, UEM, Maputo, 2008

ELIAS, N. O Processo “Civilizador: *uma história dos costumes*”. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

ENGEL, James et al.” *Comportamento do Consumidor*”. 8.ed. Rio de Janeiro: LTC, 2000. Assuntos Comunitários e Estudantis-Dez Encontros, Goiânia, 1993.

FERREIRA, Gonsalves, F. A. “ *Nutrição Humana*” Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, Novembro, 1983.

FIDALGO, I. “*Introdução à Nutrição*”, Modulo I, 1ª Versão, 2002

FISCHLER, Claude. El (H) “*omnívoros- El gusto, la cocina y el cuerpo*”. Barcelona: Editorial Anagrama, 1995.

FONAPRACE (Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis e Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições de Ensino Superior). “*Pesquisa amostral do perfil Sócio-económico e cultural dos Estudantes de Graduação das IFES*”, Brasil, 1997.

GADE, Christiane. *Psicologia do Consumidor*. São Paulo: EPU, 1977

GARCIA, R.W.D. “*Práticas e comportamento alimentar no meio urbano*”: um estudo no centro da cidade de São Paulo. *Cadernos de Saúde Pública*, v.13, nº 3, 1997.

_____. *Representações Sociais da Alimentação e Saúde e suas repercussões no comportamento alimentar*”. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, v.7, nº 2, p. 51-68, 1997.

_____. “*Representações sociais da comida no meio urbano*”: Dissertação de mestrado, São Paulo, 1993

_____. “*Reflexos da globalização na cultura alimentar: considerações sobre as mudanças na alimentação urbana*”. *Revista de Nutrição*, Campinas, 16 (4), 2003.

GOULART, F. A. “*Políticas e Instituições de Saúde*”: *O Vivido, o Percebido e o Representado*. Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro: Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, 1992.

JODELET, D. *Représentations sociales: un domaine en expansion*. In: *Les représentations sociales*. Paris: Presses Universitaires de France, 1989.

JOVCHELOVITCH, S. “*Os contextos do saber: representações, comunidade e Cultura*”. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

LAKATOS, Maria E. & Marconi, Maria de A. “ *Metodologia Científica*, 2ª edição, Atlas editora, SP, 1995

LÉVI-STRAUSS, C. “*Estruturas Elementares de Parentesco*.” Petrópolis: Editora Vozes, 1981.

. _____ . *Le Triangle Culinair*. Aix-en-Provence: L’Arc, 1965.

_____ “*O triângulo culinário*”, in SIMONIS, Y. Introdução ao estruturalismo:”. Lisboa: Moraes, 1979.

LIMA, M. A. “*Hábitos alimentares dos estudantes universitários*”: um estudo de caso na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul Câmpus de Paranaíba-MS. 117 f. 2009.

MAISONNEUVE, J. *A Psicossociologia, ciência-charneira e ciência da interação*.

In.: Introdução a Psicossociologia. São Paulo: Nacional, 1977.

MATTAR, F. N. *Pesquisa de marketing: metodologia, planejamento*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1 v. 1999.

MERTON, Robert K. *Social Theory and Social Structure*, Revised edition. Glencoe, IL: Free Press, 1957.

MINAYO, Maria. “*O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*”. 8ª ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco; 2004.

MONTANARI, Massimo. *A cozinha, lugar da identidade e das trocas*, in (org.). *O mundo na cozinha: história, identidade, trocas*. Estação Liberdade: Senac: São Paulo, 2009.

MONTANO, Carlos, “*A natureza do Serviço Social*”, Cartez editora, 1ª edição, 2007

MOSCOVICI, Serge “Preface, In: C. Hertzlich, Santé et Maladies. Hague, Monton, 1969

_____ “*Representação Social da psicanálise*”, Rio de Janeiro: Zahar, 1978

_____ . “*Representações Sociais: investigações em Psicologia Social*”. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2003

MIELNICZUK, Vívian Braga de Oliveira. “*Gosto ou Necessidade? Os significados da Alimentação Escola*”r no Município do Rio de Janeiro.: UFRRJ, 2005.

190 p. (Dissertação, Mestrado em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade, Ciências Humanas e Sociais).

NETO, Félix, “*Psicologia Social*” Universidade aberta, Lisboa, 1998, Vi. I

NICOLS, Jorge “*Manual de formação, capacitação e Reciclagem de Trabalhadores da DSS*”, Maputo, 1998.

OLIVEIRA & THÉBAUD-MONY-Annie “

PARPA II, República de Moçambique, 2005

POULAIN, JP. Presença RPC, “*O espaço social alimentar: Um instrumento para estudo dos modelos alimentares*”, Revista nutricional, 2003.

QUIVE, Samuel António, “*Protecção Social em Moçambique*”, ed. CIEDIMA, Maputo, Outubro, 2007.

Regulamento Sobre Bolsas de Estudo, Isenção e Redução de Propinas de Inscrição
Deliberação nº 02/CUN/2004

Revista. Nutricional ., Campinas, 12 (1): 33-41, jan./abr., 1999

ROBBINS, Stephen P. “*Comportamento Organizacional*”. 8.ed. Rio de Janeiro: LTC, 1999..

ROCHER, Guy. “*Sociologia geral*”, ed. Presença, Lisboa, 1971, cap.I

SETESAN “ *Guião de terminologia mais usada em Segurança Alimentar Nutricional e e Vulnerabilidade à insegurança alimentar e nutricional*”, 2ª edição, Julho, 2008.

SOLOMON, M. R. “*Consumer Behaviour: Buying, Having and Being*”. 3 Ed. New Jersey: Prentice Hall. 19

SILVA, M. Avaliação da adequação nutricional dos alimentos consumidos em um centro *Integrado de Educação Pública (CIEP)*. Cadernos de Saúde Pública, v. 11 nº 4, 1995. 96.

SIMMEL, G. “*Sociologia da refeição*”. Estudos históricos, v.33, p. 159-166, 2004.

SOUSA, Maria C.de (org) “ *Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade*” Vozes editora, Petrópolis, 1994.

SPINK, M. J. P. *The Concept of Social Representations in Social Psychology*. Cad. Saúde Públ., Rio de Janeiro, 9 (3): 300-308, jul/sep, 1993.

VALÁ, Jorge “*Representações sociais para uma epistemologia do senso comum.*” In caderno de Ciências Sociais, nº04, ed. Afrontamento, porto, 1986.

VARELA, F. J. “*Conhecer: as ciências cognitivas, tendências e perspectivas*”. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.

VIEGAS, Cláudia “ *Para reflectir, cantinas escolares*” Politécnica, Brasil, Setembro, 2007

WEBER, M. “*Economia e sociedade : fundamentos de Sociologia Compreensiva*”. V. 1. 3ª ed. Brasília: UNB, 2000.

WOORTMANN, Klaas. “*Hábitos e Ideologias alimentares em grupos sociais de baixa renda*”. Série Antropologia 20. Brasília: Fundação UnB, 1978.

ZALUAR, Alba. “*A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado de Pobreza*”. São Paulo: Brasiliense, 1985.

www.UEFS.br/portal/visita_virtual/r.u.23.07.09, 15:55hras

Anexo I— Guião de Entrevistas

O presente guião de entrevistas destina-se aos estudantes moradores das residências localizadas no Campus Universitário, e tem como objectivo identificar e analisar as representações sociais sobre alimentação e o nível de frequência no refeitório. É um trabalho académico pela conclusão do curso de licenciatura em sociologia. **Pedimos a vossa colaboração**

I. Situação sócio - demográfica

1-Idade

Anos

2- Sexo:

Masculino

Feminino

3- Proveniência: Província

Zona rural

Distrito urbano

Localidade

4- Onde fez o ensino médio ou Pré-Universitário?

Na escola pública/Estado

Privada

Outra especifique

5- Faculdade que frequenta

Curso

Nível

6- É Bolseiro?

Sim

Não Se sim que tipo de bolsa?

Completa

Reduzida

Outra qual Se não, quem custeia os seus estudos

Se é bolseiro possui outra fonte de rendimento para além da bolsa?

Sim

Não

Ii. Situação sócio – económica

7- Qual é o tamanho do seu agregado familiar?

3 a 5 pessoas,

5 a 10 pessoas

Mais de 10 pessoas

Outro quantos

8- Alguém possui um rendimento formal?

Sim

Não

Se sim quantas pessoas

Se não qual é a outra forma de rendimento da família

Iii. Situação estudantil

9- O que entende por serviço de alimentação

10- Frequentas o refeitório?

Sim

Não.

Se sim com que frequência?

Todos os dias

Quantas vezes por semana,

Nunca

Porquê

11- O que pensa do tratamento do estudante no refeitório por parte dos funcionários?

12- Por parte da DSS?

13- Para você o que é alimentação saudável? Porque? Dê exemplos?

14- Como avalia a qualidade de alimentação servida no refeitório do Campus?

Justifique a sua opção

15- Qual dos pratos servidos no refeitório mais gostas. Justifique a sua opção

16- O que são bons hábitos alimentares? Porque?

17- Quais hábitos alimentares não são bons? Porque?

18- Acredita que esta alimentação não corresponde ou não correspondeu ao cardápio

16- Dê suas sugestões para melhorar os serviços de alimentação.

Anexo II— Menú semanal, a vigorar durante o ano 2010

Dia/ Semana	Pequeno-almoço	Almoço	Jantar
Segunda-feira	Leite c/ Pão e Jam	Arroz branco c/ feijoada de legumes	Arroz Branco com Guisado c/Repolho e Carne da 2 ^a Fruta da Época
Terça-Feira	Chá com Pão e ovo estrelado	Arroz de Legume c/ peixe frito e molho de tomate Fruta da Época	Arroz branco com guisado de frango
Quarta-feira	Chá com pão e Jam Fruta-Maçã/ Pêra	Xima c/guisado de frango	Arroz de cenoura com carapau frito e molho de tomate
Quinta-feira	Cha c/ Pão e margarina	Arroz branco com feijoada de dobrada /mão de vaca Fruta da Época	Arroz branco com guisado de carne 2 ^a
Sexta-feira	Chá com Pão e Queijo/Fruta-Maçã/ Pêra	Xima com guisado de carne 2 ^a	Arroz branco com carapau frito e refogado de repolho
Sábado	Leite c/ pão e Jam	Arroz branco com feijoada de dobrada e mão de vaca	Arroz de cebola com guisado de frango
Domingo	Chá c/ Pão e margarina	Arroz de tomate com fígado e carne 2 ^a e salada de época	Arroz branco com guisado de repolho e frango

N.B. Este menú pode sofrer alterações de acordo com o mercado, ou seja em caso de falta de um produto principal, este é alterado para o produto do dia seguinte.